

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

FELIPE DA SILVA DE LORETO

**CONFLITO HAMAS-ISRAEL SOB A ÓTICA DO JORNAL NACIONAL: EM QUE MEDIDA A
ESCOLHA DE FONTES CONTRIBUI PARA UMA COBERTURA IMPARCIAL**

Porto Alegre
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

FELIPE DA SILVA DE LORETO

**CONFLITO HAMAS-ISRAEL SOB A ÓTICA DO JORNAL NACIONAL:
EM QUE MEDIDA A ESCOLHA DE FONTES CONTRIBUI PARA UMA
COBERTURA IMPARCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca como requisito final para obtenção do
grau de Bacharel/Licenciado em Jornalismo na
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Prof. Me. Andrei dos Santos Rossetto

Porto Alegre
2024

FELIPE DA SILVA DE LORETO

**CONFLITO HAMAS-ISRAEL SOB A ÓTICA DO JORNAL NACIONAL:
EM QUE MEDIDA A ESCOLHA DE FONTES CONTRIBUI PARA UMA
COBERTURA IMPARCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca como requisito final para obtenção do
grau de Bacharel/Licenciado em Jornalismo na
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de 2024

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Andrei dos Santos Rossetto - PUCRS

Prof. Dr. Fábio Canatta de Souza - PUCRS

Prof. Me. Tércio Saccol - PUCRS

*Aos meus pais, Cleber e Veridiana, por
todo o incentivo e aposta ao longo de
minha vida, dedico-vos esta etapa de
muitas que ainda conquistaremos juntos.*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral verificar quais são os tipos de fontes utilizadas pelo Jornal Nacional na construção da cobertura do conflito entre Israel e Palestina, iniciado no dia 7 de outubro de 2023, e a partir disso entender como a escolha delas contribui para a objetividade jornalística do telejornal. A partir disso, foram analisadas três reportagens que abriram os respectivos programas que compõem o início, meio e fim da primeira semana de cobertura. Desta maneira, foi possível compreender a natureza das fontes, o nível de diversidade entre elas, bem como qual a narrativa que elas dão para o conflito. Observou-se então que, embora o Jornal Nacional procure atender aos princípios de objetividade e imparcialidade jornalística, o programa prioriza a ampliação da cobertura a partir das perspectivas e posicionamentos dos representantes israelenses.

Palavras-chave: telejornalismo; objetividade; Jornal Nacional; Hamas; Israel; Palestina.

ABSTRACT

The present work aims to verify the types of sources used by Jornal Nacional in its coverage of the conflict between Israel and Palestine, which began on October 7, 2023, and to understand how these choices contribute to the journalistic objectivity of the news program. To achieve this, three reports that opened the respective programs at the beginning, middle, and end of the first week of coverage were analyzed. This approach provided insights into the nature of the sources, the level of diversity among them, and the narrative they present regarding the conflict. It was observed that, while Jornal Nacional aims to adhere to principles of objectivity and journalistic impartiality, the program prioritizes expanding coverage based on perspectives and positions of Israeli representatives.

Keywords: broadcast journalism; objectivity; Jornal Nacional; Hamas; Israel; Palestine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fontes de notícias.....	11
Figura 2 - Alcance semanal.....	11
Figura 3 - Abertura do Jornal Nacional em 07 de outubro 2023.....	12
Figura 4 - Reportagem 1: destruição causada pelos bombardeios.....	52
Figura 5 - Reportagem 01: sonora primeira morador de Tel Aviv.....	53
Figura 6 - Reportagem 1: passagem da repórter Paola De Orte.....	53
Figura 7 - Reportagem 1: sonora de Benjamin Netanyahu.....	54
Figura 8 - Reportagem 1: sonora segundo morador de Tel Aviv.....	54
Figura 9 - Reportagem 2: Ranani e namorada.....	57
Figura 10 - Reportagem 2: postagem Presidente Lula.....	58
Figura 11 - Reportagem 2: sonora namorada de Ranani.....	59
Figura 12 - Reportagem 2: sonora amigo de Ranani.....	59
Figura 13 - Reportagem 2: passagem da repórter Cláudia Bomtempo.....	60
Figura 14 - Reportagem 2: vítima Bruna.....	60
Figura 15 - Reportagem 2: sonora amiga de Bruna.....	61
Figura 16 - Reportagem 2: áudio transcrito de Karla enviado à amiga.....	61
Figura 17 - Reportagem 2: sonora amiga de Karla.....	62
Figura 18 - Reportagem 2: Karla momentos antes do ataque.....	64
Figura 19 - Reportagem 2: sonora com Embaixador do Brasil em Israel.....	65
Figura 20 - Reportagem 2: sonora feita pelo telefone com o amigo de Karla.....	65
Figura 21 - Reportagem 2: nota do Itamaraty.....	66
Figura 22 - Reportagem 2: passagem do repórter Carlos De Lannoy.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Máximas de Grice.....	33
Quadro 2 - Natureza das fontes.....	34
Quadro 3 - Categorização.....	47
Quadro 4 - Resultados reportagem 01.....	51
Quadro 5 - Resultados reportagem 02.....	56
Quadro 6 - Resultados reportagem 03.....	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO.....	14
2.1 O TELEJORNAL: GÊNEROS E FORMATOS.....	18
3 ÉTICA JORNALÍSTICA.....	25
3.1 OBJETIVIDADE.....	29
3.2 FONTES.....	32
4 CONFLITO ISRAEL E PALESTINA.....	37
4.1 O CONFLITO DO 7 DE OUTUBRO DE 2023.....	42
5 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	44
5.1 UNIDADES DE ESTUDO.....	44
5.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	46
6 COBERTURA DO JN NO CONFLITO HAMAS-ISRAEL: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	51
6.1 REPORTAGEM EXIBIDA EM 07.10.2023.....	51
6.2 REPORTAGEM EXIBIDA EM 10.10.2023.....	56
6.3 REPORTAGEM EXIBIDA EM 13.10.2023.....	63
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

O conflito que se estende no Médio Oriente depois do grupo extremista Hamas ter realizado um ataque armado no sul de Israel, no dia 7 de outubro de 2023, já deixou mais de 30 mil mortos, entre combatentes e civis. Tal confronto afeta interesses diplomáticos, bem como gera uma polarização política no mundo e ocupa grande espaço no noticiário nacional, proporcionando inúmeros debates na sociedade.

O papel da televisão na vida dos brasileiros é bastante significativo, especialmente no que se refere ao consumo de notícias. Nesse sentido, o sistema televisivo emerge como um dos meios de comunicação mais democráticos para o consumo de informações, especialmente em regiões onde o acesso à internet é limitado ou inexistente.

Em se tratando dos telejornais brasileiros, o Jornal Nacional da TV Globo assume uma posição de destaque em relação aos demais. A sua exibição em horário nobre, a vasta audiência e o alcance geográfico atrelados à produção jornalística de alta qualidade são alguns dos fatores responsáveis por tornar o programa líder em sua categoria.

Visto isso, o presente estudo visa analisar a cobertura do conflito entre Hamas e Israel, desencadeado no dia 7 de outubro de 2023, feita pelo Jornal Nacional. A partir do exposto, pretende-se responder o seguinte questionamento neste estudo: *em que medida a escolha de fontes nas reportagens do conflito entre Hamas e Israel na cobertura do Jornal Nacional contribuiu para a objetividade da cobertura jornalística?*

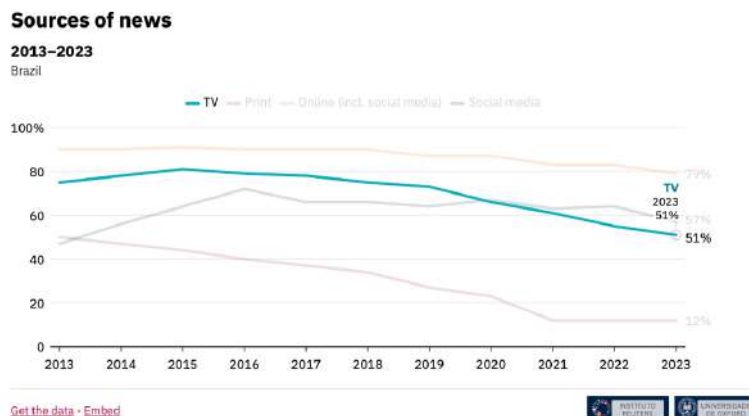
Por conseguinte, tem-se como objetivo geral de pesquisa analisar em que medida a escolha de fontes nas reportagens do conflito entre Hamas e Israel no JN contribuiu para a objetividade da cobertura jornalística. A partir do objetivo geral, define-se como objetivos específicos: (a) identificar a natureza das fontes utilizadas pelo JN em suas reportagens; (b) verificar se há pluralidade na escolha das fontes em relação aos dois lados do conflito; (c) analisar em que medida as mensagens transmitidas pelas fontes através das reportagens podem favorecer ou não um dos envolvidos no conflito.

Justifica-se a realização deste trabalho em quatro esferas, sendo elas pessoal, acadêmica, jornalística e mercadológica. No âmbito pessoal, o autor sempre despertou grande interesse pela área telejornalística ao longo do seu percurso acadêmico. Além disso, realizou estágios em emissoras de televisão, bem como duas Bolsas de Iniciação Científica acerca do tema, o que contribuiu ainda mais para a ampliação do conhecimento e interesse nesta área.

Do ponto de vista acadêmico, foram realizadas buscas em repositórios de pesquisas e bibliotecas da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), identificando uma constância de estudos que analisaram coberturas feitas pelo Jornal Nacional em diferentes eventos, como os trabalhos de conclusão de curso: *A cobertura eleitoral com e sem repórter: a análise das diferenças entre a Caravana JN e O Brasil que eu quero no Jornal Nacional da Rede Globo*, de Eduardo Augusto Loro Pinzon, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2019; *Telejornalismo e direitos humanos: uma análise da cobertura da morte de Lázaro Barbosa no Jornal Nacional e Jornal da Record*, de Dayana de Lima Carvalho, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2022; *Efeito contágio: uma análise das coberturas do massacre de Realengo e do ataque à creche em Blumenau no Jornal Nacional*, de Maria Eduarda Bastos de Brito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), de 2023. Entretanto, pouco ou quase nenhuma pesquisa voltada para um estudo do cenário de conflitos violentos internacionais, sobretudo acerca do caso Israel x Palestina, o que torna o tema um tanto inédito.

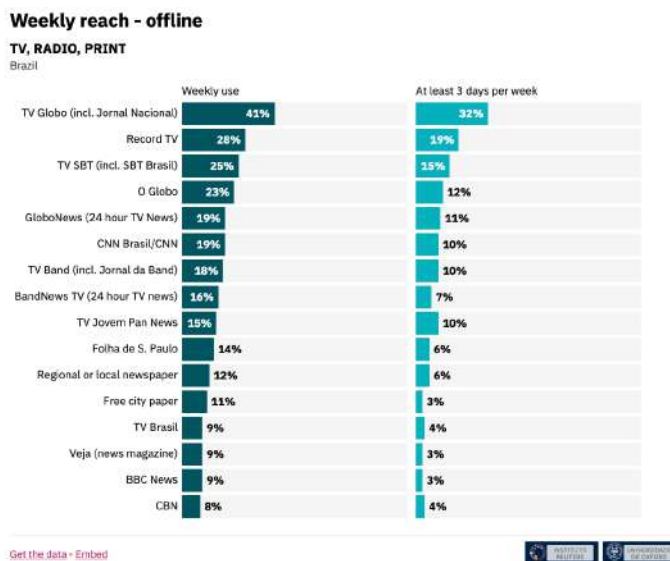
Em relação aos interesses mercadológicos, é evidente a importância do telejornalismo no Brasil. É através dele que mais de 50% da população brasileira se informa. Além disso, é inegável o papel de destaque assumido pela TV Globo diante às demais emissoras brasileiras, 41% dos inquiridos pelo Reuters Institute assistem à TV Globo semanalmente (CARRO, 2023).

Figura 1 - Fontes de notícias



Fonte: Reuters Institute

Figura 2 - Alcance semanal



Fonte: Reuters Institute

Por fim, dentre os telejornais brasileiros, destaca-se o Jornal Nacional (JN) da TV Globo. O primeiro episódio do programa foi exibido no dia 01 de setembro de 1969, completando 55 anos em 2024. O telejornal vai ao ar de segunda a sábado, em horário nobre, entre às 20h30 e 21h30, sob o comando de William Bonner e Renata Vasconcellos. Na primeira semana de 2024, o Jornal Nacional registrou 23,9 pontos de audiência domiciliar (KANTAR IBOPE MEDIA, 2024a) no ranking

consolidado com 15 praças, enquanto o Jornal da Record ocupou o segundo lugar, com 7,4 pontos. A partir disso, identifica-se a importância do Jornal Nacional na vida dos brasileiros. Através dele é possível obter informações nacionais e internacionais capazes de influenciar a opinião pública do país.

No dia 07 de outubro de 2023, o JN iniciou a edição com a notícia que circulava no mundo inteiro e passaria a influenciar diretamente a diplomacia e a economia internacional: o ataque aéreo e armado do grupo extremista Hamas a Israel. A partir de então, este acontecimento começou a integrar a agenda do noticiário diariamente e a fazer parte do cotidiano dos telespectadores brasileiros.

Figura 3 - Abertura do Jornal Nacional em 07 de outubro 2023



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Visto isso, o presente trabalho visa analisar a cobertura do JN sobre o conflito, a fim de perceber de que maneira a escolha das fontes utilizadas nas matérias contribui para um jornalismo imparcial e objetivo.

O trabalho inicia com o capítulo 2 - *Televisão e Telejornalismo*, o qual aborda o espaço da televisão e do telejornalismo ocupado na sociedade brasileira, com base em dados do Kantar IBOPE e Reuters Institute. No decorrer do capítulo são apresentadas ideias de Aronchi (2004), Coutinho (2009) e Vizeu (2014), estudiosos que apontam o papel social do telejornalismo, bem como de Rezende (2000), que irá categorizar o telejornal e seus formatos.

No capítulo 3 - *Ética Jornalística* compreende-se as normas, deveres e direitos existentes na profissão jornalística, de acordo com Bucci (2000) e Christoffoleti (2008). Na sequência, a objetividade é discutida como critério jornalístico a partir do ponto de vista de Amaral (1996) e Guerra (1998). Acerca do tema, ainda recorre-se a Lage (2001) e a Traquina (2001). Para encerrar o enquadramento teórico deste trabalho, o capítulo 4 - *Caso Israel-Palestina* apresenta, de maneira breve, a disputa geopolítica entre Israel e Palestina no Médio Oriente, além de situar o conflito de 7 de outubro.

No que tange ao capítulo 5 - *Estratégia Metodológica*, inicia-se com breve contextualização das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, segundo Gil (2008). Também apresenta-se a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016), metodologia do presente estudo. Também são apresentadas neste capítulo as três reportagens que compõem as unidades de estudo deste trabalho, as quais estão disponíveis na plataforma do *Globoplay*. Nos capítulos 6 - *Apresentação dos resultados* e 7 - *Análise da Cobertura do JN no Conflito Hamas X Israel* será possível visualizar os resultados obtidos a partir das técnicas já mencionadas, bem como exercer uma análise sobre eles.

Finalmente, as ideias auferidas no decorrer de todo o trabalho estarão expostas no capítulo 8 - *Considerações Finais*. Com isso, espera-se que, a partir de então, esta monografia contribua para futuros estudos sobre a maneira como o maior telejornal nacional faz jornalismo, sobretudo em coberturas de conflitos geopolíticos internacionais capazes de interferir e moldar a opinião pública.

2 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO

Embora o surgimento de outras mídias venham tomando espaço na vida de muitas pessoas, a televisão ainda desempenha um papel fundamental na sociedade brasileira. Além de servir como meio de comunicação de massa, atua como uma das principais fontes de entretenimento, informação e publicidade no país. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2021 a 2022, cerca de 71,5 milhões de casas possuem pelo menos uma televisão, o que representa cerca de 94,9% dos domicílios brasileiros.

Em relação ao consumo de conteúdo no formato de vídeo em fevereiro de 2024, quando analisado todos os dispositivos (TVs - conectadas à internet ou não - smartphones, tablets, laptops, etc), 69,3% foi feito através da TV linear (aberta e paga), enquanto 30,7% do consumo foi realizado online por meio de plataformas de vídeo, como YouTube, Netflix e Globoplay (KANTAR IBOPE MEDIA, 2024b). Já quando a análise se referiu somente às TVs e CTVs - esta com uso de internet - 81,2% do consumo em vídeo aconteceu em TV linear, enquanto 18,8% é no formato online.

Ao falar especificamente sobre o desempenho da TV linear, o Kantar IBOPE identificou que 196 milhões de pessoas assistiram a emissoras de televisão linear no Brasil em 2023. Isso representa um alcance de 50% da população brasileira diariamente e 91% dela em um mês, sendo o Brasil o 6º país da América Latina com o maior tempo médio de consumo individual linear com 5h17min. Entretanto, quando analisado apenas o consumo em TV aberta, o país lidera o ranking latino com 4h54min. Se tratando do consumo de notícias, o relatório *Digital News Report 2023*, realizado pelo *Reuters Institute*, identificou que mais de 50% dos brasileiros utilizam a televisão como meio para consumo de informações.

Esses dados evidenciam ainda a centralidade da televisão, seja ela aberta ou paga, com uma capacidade única de atingir um público vasto e diversificado em todo o país, independentemente de classe social, idade ou localização geográfica. Rezende (2000) explica sobre a grandeza da televisão brasileira em uma sociedade que é tão complexa.

Vários fatores contribuíram para que a TV se tornasse mais importante no Brasil do que em outros países: a má distribuição de renda, a concentração da propriedade de emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 70, a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa dramaturgia (Rezende, 2000, p. 23).

Além disso, a hegemonia da televisão brasileira não se dá única e exclusivamente por conta da complexidade social do país, mas também tem a ver com a própria experiência de se assistir televisão. De acordo com Prado (1973, p. 21, apud Rezende, 2000, p. 31), “o importante não é o que se vê na televisão, mas o próprio ato de vê-la”.

Seguindo nesta linha de raciocínio, a construção de uma narrativa através de elementos audiovisuais torna a história ainda mais atrativa e envolvente. Ela é capaz de estimular múltiplos sentidos de maneira simultânea e ampliar o impacto para quem está assistindo. Para Eco (1973, p. 365 - 386), citado por Rezende (2000, p. 38), “a linguagem televisiva resulta da combinação de três códigos: o icônico, o linguístico e o sonoro”. Os dois últimos são códigos que já estavam disponíveis no meio radiofônico antes mesmo da chegada da televisão. Portanto, o diferencial televisivo está ligado ao código icônico, o qual refere-se à linguagem visual da televisão, que inclui elementos como imagens, cores, gestos e expressões faciais. Esse fator torna então a televisão capaz de atingir uma escala maior de pessoas, englobando inclusive aquelas não letradas. “Baseada na capacidade expressiva das imagens, a linguagem televisiva, seguindo essa linha de raciocínio, torna-se universal” (Rezende, 2000, p. 39). Para as classes menos favorecidas da população, ainda são a principal, se não a única fonte de informação.

Com isso, é possível identificar a televisão como meio de comunicação extremamente importante para a construção social de um povo. É através dela que histórias são contadas, informações são transmitidas e entretenimento é gerado. No Brasil, por exemplo, a televisão tem um papel fundamental na construção identitária do país. É a partir dela que hábitos de vida são moldados e a realidade social é construída. Seguindo nesta linha de raciocínio, Vizeu (2014, p.37) coloca que “a hegemonia da televisão sobre os demais *media* também traz como consequência que, entre os veículos de comunicação, ela é a que se apresenta como a maior fonte de informação sobre o mundo político e social dos países”.

Para Aronchi de Souza (2004), a programação da televisão é dividida em três grandes categorias: entretenimento, informativo (telejornalismo) e educativo. Embora exista tal categorização, o autor afirma que “qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele deve sempre entreter e pode também informar. Pode ser informativo, mas deve ser de entretenimento” (Souza, 2004, p. 39). Ou seja, o autor não descarta a possibilidade de inter-relação entre elas.

Ainda que o entretenimento tenha destaque entre as categorias, o presente trabalho tem como recorte específico o estudo acerca do telejornalismo, visto que o objeto de estudo pertence a essa categoria. Segundo Vizeu (2014), o jornalismo tem um papel de destaque na construção social feita pela televisão. É através dele que informações são transmitidas em larga escala, dentro e fora do território nacional, possibilitando a discussão pública acerca de diferentes temas. Com isso, o telejornalismo propicia ainda o estabelecimento de novos vínculos pessoais entre aqueles que o assistem, rompendo barreiras geográficas e aproximando a sociedade através da informação. De acordo com Coutinho (2009), “o telejornalismo seleciona as informações e cria uma cartografia da Nação, levando em consideração critérios altamente subjetivos”.

A partir disso, pode-se considerar que o papel do telejornalismo vai além de transmitir informação. É através dele que uma sociedade se lapida, principalmente a brasileira, a qual tem a televisão como um dos meios centrais de comunicação, como já visto anteriormente. Sob o ponto de vista de Coutinho (2009), os laços sociais foram, por muito tempo, construídos a partir de relações físicas, seja no trabalho, escola ou até mesmo em casa, porém agora encontram-se espalhados geograficamente e são vividos em frente à televisão, principalmente aos telejornais.

Em paralelo a isso, o telejornalismo trouxe à sociedade uma nova maneira de enxergar a vida, de se pensar, viver e até mesmo se relacionar. Todas essas ações passam a ter influência das narrativas contadas pela televisão, sobretudo, no telejornalismo.

A televisão, a partir da maciça produção de telenovelas, principalmente a partir da década de 1970 no Brasil, e dos telejornais a partir dos anos 1980, caminhará também neste sentido, recriando no imaginário popular o que poderíamos chamar das cartografias do desejo (zona sul do Rio de Janeiro, o eterno balneário), do poder (os grandes prédios da Av. Paulista, as mansões dos poderosos de São

Paulo) e da afetividade (subúrbios, com suas vilas, quitandas e festas populares; o interior, com seus sítios, fazendas, natureza exótica), entre outras (Coutinho et al., 2009, p. 19).

Ainda segundo Coutinho (2009), a maneira como o telejornalismo contribui para a construção do imaginário daqueles que o consomem, acabam por influenciar no modo em que estes veem os países, seja dentro ou fora do seu território. A autora explica que os telespectadores acabam descobrindo o país e o interpretando a partir das implicações geradas pelo telejornalismo em seus próprios repertórios. Para Bourdieu (1997), conforme citado por Vizeu e Cabral (2009, p.31), “o mundo da televisão invadiu a realidade constituindo e sendo constituído por ela.”

Quando comparado o papel desempenhado entre o jornalismo televisivo e os demais meios de comunicação, o primeiro ocupa algumas posições de destaque. Rezende (2000) arrisca a dizer que o telejornalismo desempenha um papel ainda mais importante que o impresso, o qual exige o letramento social para a recepção da informação, ao contrário da televisão. Portanto, para ele, o meio televisivo assume a forma de democratização da informação.

O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas que tem de vê-la enquanto espera a novela (Rezende, 2000, p. 23).

Em comparação ao rádio, no qual o jornalismo radiofônico atua sob a lógica do linguístico e do sonoro, na televisão possui, além dos dois, a imagem como trunfo. A mensagem transmitida através dela é caracterizada por Rezende (2000) como “multidimensional” e “multissensorial”. Para o autor, ela é capaz de gerar diferentes interpretações, bem como estimular múltiplos sentidos simultaneamente, fazendo com que o telespectador a receba com mais intensidade. “Na comunicação audiovisual, portanto, registra-se o predomínio da sensação sobre a consciência, dos valores emocionais sobre os racionais” (Rezende, 2000, p. 40). Portanto, o autor entende que a importância dada ao elemento visual está proporcionalmente ligada ao nível de curiosidade e participação afetiva do público, mesmo que em programas telejornalísticos.

Talvez por ser uma estrutura narrativa semelhante ao drama, em termos aristotélicos, o telejornalismo, e sua dramaturgia, tenham ocupado um papel central como fonte de informação e de

identificação na sociedade contemporânea (Coutinho et al., 2009, p. 19).

Conforme afirmado por Rezende (2010), a categoria do telejornalismo é composta por outras oito subcategorias, sendo as cinco primeiras as principais: telejornal, entrevista, reportagem, programa de debates, documentário, plantão, emissões de jornalismo especializado e espetáculos midiáticos.

Diante dos objetivos já estabelecidos e apresentados ao decorrer deste trabalho, iremos direcionar e aprofundar o estudo no que tange à subcategoria “telejornal” por se tratar do objeto de estudo analisado adiante.

2.1 O TELEJORNAL: GÊNEROS E FORMATOS

Embora frequentemente os termos “telejornalismo” e “telejornal” sejam utilizados como sinônimos, eles possuem significados diferentes. De forma sucinta, para uma melhor compreensão, pode-se considerar que o telejornalismo é, na verdade, o campo maior, as práticas profissionais, áreas de estudo e, como visto previamente, uma categoria de programa televisivo. Em contrapartida, o telejornal é um produto advindo do telejornalismo, “é a subcategoria por excelência da categoria telejornalismo” (Rezende, 2010, p. 298). Marques de Melo (1985) irá dividir o telejornal em dois gêneros: jornalismo informativo e jornalismo opinativo. No primeiro, o autor define como o que se estrutura para além das instituições jornalísticas e que depende do acontecimento dos fatos.

(...) se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações) (Melo, 1985, p. 48, apud, Rezende, 2000, p. 144).

Em relação ao gênero de jornalismo opinativo, Melo (1985) afirma que a instituição terá domínio sobre a mensagem, o que refletirá em que e como ela será transmitida.

(...) no caso dos gêneros que se agrupam na área de opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou

espacial que dá sentido à opinião) (Melo, 1985, p. 48, apud, Rezende, 2000, p. 144).

Para Rezende (2010), embora exista essa dualidade de gêneros, não se pode estabelecer limites rigorosos entre eles, visto que é possível a intercambialidade e complementação entre ambos. Para ele, um gênero não exclui o outro. É possível existir opinião, mesmo que implícita, no jornalismo informativo, bem como há relatos objetivos compondo o jornalismo opinativo. “A intencionalidade e a estrutura do relato jornalístico funcionam como balizas para a classificação que se pretende adotar” (Rezende, 2010, p. 303).

Ao assistir um telejornal as pessoas passam a acompanhar histórias e serem informadas acerca de diversos assuntos, como política, esporte, economia, saúde, questões internacionais entre outros. Por conta da variedade de assuntos que podem compor um telejornal, se faz necessário compreender, mesmo que de modo breve, como se dá a funcionalidade de um noticiário televisivo. Para isso, iremos recorrer a estruturação e o processo descrito por Guilherme Jorge de Rezende em sua obra *Telejornalismo no Brasil - Um Perfil Editorial* (2000).

Rezende (2000) destaca que o telejornal se arquiteta a partir do que se chama de “espelho”. É nele que estão postos os conteúdos do jornal em ordem de exibição, mas que pode ser alterada quantas vezes forem necessárias, inclusive ao longo da transmissão do programa. Quem decide a ordem de exibição e tem responsabilidade pelo espelho é o(a) editor(a)-chefe do programa. “(...) o espelho sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias em cada bloco, bem como dos intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento” (Rezende, 2000, p. 146).

Ainda segundo o autor, a informatização no telejornalismo possibilita uma maior otimização do processo de construção do programa. “(...) a partir do terminal de computador, o texto das notícias pode ser atualizado enquanto o telejornal estiver no ar, diretamente do *teleprompter*” (Rezende, 2000, p. 146). Entretanto, Rezende (2000) também destaca que ainda assim é indispensável o roteiro do telejornal impresso em papel para que o apresentador possa consultar, caso haja falhas técnicas durante a transmissão.

Conforme explica Rezende (2000) o espelho do telejornal é construído inicialmente com base nos conteúdos produzidos previamente sob marcações e

agendamentos. Entretanto, é possível que alguns desses conteúdos sejam substituídos pelos denominados “factuais”. “Classificados como *matérias factuais* ou *quentes*, essas notícias referem-se geralmente a acontecimentos não previstos na pauta e têm de ser veiculadas naquele dia” (Rezende, 2000, p. 147). Há também aquelas matérias que são mais atemporais. Ou seja, elas não cumprem o critério de atualidade, pois possuem temas que são relevantes independente da época.

A qualificação que se lhes atribui - matérias de gaveta, ou matérias frias - revela as propriedades de sua natureza: ficam ali, de reserva, podendo ser utilizadas a qualquer momento, de acordo com as conveniências editoriais (Rezende, 2000, p. 147).

Rezende (2000) explica que no topo do espelho está a “escalada”, responsável por captar a atenção dos telespectadores e mantê-los interessados do início ao final do programa. Alguns dos recursos utilizados são frases de impacto sobre os conteúdos que serão exibidos no telejornal, lidas pelos apresentadores. O autor ressalta também que em alguns casos são utilizados teasers para divulgar determinadas matérias, muitas vezes exclusivas, para despertar interesse no telespectador.

É importante destacar que os telejornais não possuem exibição contínua, eles são divididos em blocos que são separados pelos intervalos comerciais. Assim também acontece a divisão das matérias que possuem diferentes temas. A intenção é estabelecer uma coerência entre as editorias do telejornal. “Esses intervalos normalmente começam e terminam com vinhetas que identificam o programa, chamadas de *passagens de break*” (Rezende, 2000, p. 147). O autor também destaca as chamadas feitas pelos apresentadores no final de cada bloco, instigando os telespectadores para manterem-se no canal.

Lidas pelo apresentador do telejornal “ao vivo” ou em “off”, em que o texto é coberto por imagens do fato em questão, geralmente essas chamadas de passagens de bloco são antecidas por expressões que visam chamar a atenção do público, tais como “Ainda hoje”, “Veja a seguir”, “A seguir”, “Daqui a pouco”, “Dentro de instantes”, “Em instantes” (Rezende, 2000, p. 148).

Ao tratar-se de elementos mais técnicos encontrados em um telejornal, Rezende (2002) destaca o elemento sonoro conhecido como *background*, ou som

ambiente, o qual representa os sons, ruídos, músicas e vozes encontrados nas gravações por trás da fala dos jornalistas.

Esse fundo sonoro pode conferir mais realismo e autenticidade a uma notícia e essa impressão tende a aumentar ao se elevar o som ambiente no final do texto (manifestações das torcidas em um campo de futebol, sons de tiros e bombardeios em uma guerra, etc.) (Rezende, 2000, p. 150).

Em relação aos recursos visuais, Rezende (2000) explica sobre os planos das imagens, que interferem diretamente na maneira em que a narrativa é construída e, por conseguinte, na definição dos gêneros.

Do mais aberto - *Plano Geral*, usado em externas para mostrar uma paisagem - ao close up - quando se quer mostrar o detalhe do rosto, por exemplo -, a variação de planos propiciada pelos movimentos de *aproximação* (*zoom-in*) e de *afastamento* (*zoom-out*) pode simbolizar uma mudança de tratamento ao telespectador. Quanto mais fechado o plano, por exemplo, maior será a conotação, para o telespectador, de teor de intimidade na fala do apresentador (Rezende, 2000, p. 151).

Ainda dentro da esfera do gênero jornalístico informativo, o qual nos é relevante para o presente estudo, estão presentes cinco formatos possíveis de se dar a informação, segundo Rezende (2000): nota, notícia, entrevista, reportagem e indicador. Tais formatos serão apresentados com mais descrição a partir de agora, ainda de acordo com a obra do autor.

- 1) Nota: é uma maneira mais objetiva e breve de relatar um fato. Normalmente, as informações são fornecidas por *releases*, agências de notícias, assessorias de comunicação, etc. Ainda assim, ela pode ser dividida em duas categorias, a nota simples ou a coberta. A primeira é narrada pelo apresentador que está enquadrado reproduzindo o texto que foi preparado pelo editor de texto. Geralmente é utilizada em casos de falta de imagem ou para dar um ritmo mais dinâmico ao telejornal contrastando com a reportagem - que veremos a seguir. Em contrapartida, a nota coberta conta com o uso de imagens. O apresentador inicia lendo as informações em quadro, em seguida é coberto por imagens enquanto roda o *off* - a narração feita pelo apresentador o repórter. "As notas cobertas se assemelham às notas simples,

por serem um relato objetivo do acontecimento a que se referem. Têm a vantagem, porém, de dispor de informação visual relativa ao assunto tratado” (Rezende, 2000, p. 151-52).

- 2) Notícia: o autor considera neste caso a notícia como formato de informação televisiva e não apenas como uma informação genérica que pode ser dada por qualquer veículo. A extensão dela fica entre a nota e a reportagem. Os elementos necessários para a composição desse formato são a apresentação ao vivo, a narração em *off* e as imagens. Neste caso não é necessário a presença de um repórter para dar a informação. “Por isso mesmo, a notícia nos telejornais tem uma duração curta, em média de 45 segundos, maior um pouco do que a nota, mas bem menor do que uma reportagem” (Rezende, 2010, p. 306).
- 3) Entrevista: para este cenário, a entrevista está como um formato independente do jornalismo informativo, e não como um elemento técnico para obter informações, como as sonoras utilizadas na construção de reportagens. Aqui o autor refere-se às entrevistas realizadas ao vivo, ou gravadas, em que o jornalista tece perguntas ao entrevistado com o intuito de coletar informações, ideias ou opiniões. Um exemplo dado por Rezende (2010) são as sabatinas com candidatos que acontecem em anos eleitorais nos telejornais.
- 4) Reportagem: esse formato é apontado pelo autor como o mais complexo. É nele que os acontecimentos são retratados de maneira mais profunda e completa em relação aos elementos utilizados. O início dela se dá pela “cabeça da matéria”, é a responsável por trazer a informação sintetizada com o objetivo de captar a atenção do telespectador. O *off* é o segundo elemento a compor uma reportagem. Como já visto anteriormente, trata-se do texto narrado pelo jornalista sem que ele apareça no vídeo. Em seguida, há a presença do chamado boletim, *stand up* ou até mesmo passagem. Esses elementos representam a imagem do repórter dando a informação em um determinado local. É um recurso utilizado para suprir a ausência de imagens e para dar credibilidade a uma informação como uma espécie de “assinatura do repórter”. Eles também servem como transição que serve para ligar um

trecho com outro da reportagem - daí o nome passagem. A sonora é o quarto elemento que compõe esse formato de jornalismo informativo e trata-se, brevemente, de trechos curtos das entrevistas realizadas com as fontes para obter informação. Por fim, a reportagem normalmente é encerrada com uma nota pé que trará alguma informação complementar ou um desfecho para a matéria. O autor ainda destaca que nem sempre todos os elementos citados irão compor a reportagem e que na ausência de algum deles a caracterização desse formato ainda permanece, sendo o repórter o único componente indispensável. “É o formato de jornalismo informativo que fornece um relato ampliado de um acontecimento, mostrando as suas causas, correlações e repercussões” (Rezende, 2010, p. 306).

- 5) Indicador: para o autor este formato representa o tipo de matéria extremamente objetiva, a qual expõe dados, números, percentuais, informações com o sentido de prestar um serviço à sociedade. Rezende (2000) afirma que é seguido um modelo padrão de construção de maneira que as informações dadas se assemelham a um “preenchimento de um mero formulário”.

A descrição dos principais formatos de jornalismo informativo que constituem e moldam um telejornal, conforme Rezende (2000), é fundamental para uma compreensão básica do processo de construção do programa, embora a elaboração dele em si seja mais complexa do que simplesmente categorizá-lo em cinco formatos.

Para Vizeu (2008), os telejornais desempenham um papel central no conhecimento do mundo e funcionam como uma forma de conhecimento do cotidiano e um lugar de referência, pois “ao apresentarem as notícias diariamente de uma forma sistematizada e hierarquizada constituem-se em um referente importante na construção desse mundo do cotidiano” (Vizeu, 2005, p. 6, apud, Vizeu, 2009, p. 33).

De acordo com Vizeu (2014), o telejornal é organizado pelo tempo. Ou seja, as informações precisam ser selecionadas e ordenadas para que sejam vistas de maneira unificada, sem tomar muito tempo do telespectador. Essa ideia é reforçada por Rezende (2000) ao explicar que tanto o rádio quanto a televisão têm a capacidade de informar os fatos ao mesmo tempo em que eles acontecem. O autor

destaca que “graças às transmissões via satélite, milhões de pessoas, nos mais distantes recantos, podem acompanhar o desenrolar de um evento” (Rezende, 2000, p. 70).

Ainda segundo Vizeu (2014), os telejornais para além da informação possuem uma função dramatúrgica. O autor destaca que o espaço que a televisão dá para o espetáculo não é apenas por conta do uso de imagens e sons, essa mídia já estabelece previamente a descrição do conteúdo, seja ele de entretenimento ou informativo, como algo melodramático. Para ele, há uma estratégia bem definida por parte do repórter e apresentador de seduzir o telespectador. “O jornalista, submetido às pressões do mercado e da audiência, lança mão de mecanismos de “sedução” e do uso de estereótipos para “segurar” o telespectador” (Vizeu, 2014, p. 9). Ainda segundo o autor, o jornalista enfrenta uma linha tênue entre fazer da informação um produto atrativo para “vender ao público” e fazer dela um bem público. Pensando nisso, se faz necessário redobrar a atenção ao longo do processo de construção de uma notícia e, por conseguinte, de um telejornal. É preciso partir do pressuposto de que, embora o telejornalismo carregue a característica de “espetacularizar” a informação, a ética jornalística não pode ser deixada em segundo plano.

Portanto, torna-se fundamental para este estudo aprofundar a discussão sobre ética jornalística, especialmente no contexto do telejornalismo. O próximo capítulo buscará explorar essa questão, com o objetivo de elucidar e identificar os deveres éticos essenciais de um jornalista na construção da notícia.

3 ÉTICA JORNALÍSTICA

Em uma era em que a audiência e a publicidade regem o funcionamento de uma redação de notícias, o jornalismo enfrenta desafios significativos. Esta profissão, que tem como premissa fundamental a informação precisa e correta como interesse público do cidadão, opera sob a influência das empresas e companhias que detêm os meios de comunicação. Essas entidades estabelecem as regras e decisões que serão tomadas na construção da notícia, o que levanta questões e preocupações acerca da integridade e ética jornalística.

Para Christofolletti (2008), o jornalismo é um ofício que atua, na maioria das vezes, entre oposições e conflitos de interesse, podendo ocasionar tensão entre o profissional e as partes envolvidas. Além disso, o autor destaca que essa atividade é financiada por anunciantes e patrocinadores que buscam por visibilidade da sua marca. Devido a essas duas características presentes na profissão, Christofolletti (2008) aponta para a harmonia que deve-se ter entre os conflitos abordados em uma notícia e os anunciantes que estão subsidiando, mesmo que indiretamente, aquela informação. “Não é demais lembrar que o jornalismo é uma atividade cara e que seus custos são cobertos em grande parte pelas receitas publicitárias” (Christofolletti, 2008, p. 29). O interesse dos anunciantes e patrocinadores acaba por se tornar os mesmos da emissora, a qual está diretamente interessada no lucro que determinado programa pode proporcionar. Entretanto, essa dinâmica pode levantar questões éticas e comprometer o principal objetivo jornalístico: o de informar.

Bucci (2000) alerta que os veículos jornalísticos não devem existir com o único propósito de criar monopólios e gerar fortunas, pois a sua real finalidade se trata de garantir ao cidadão o direito à informação, o qual está garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos¹ desde 1948. O autor ainda ressalta que há um mercado midiático que gera lucros, mas que se trata apenas de uma consequência do trabalho jornalístico, e não da sua causa.

Sem que esse direito seja atendido, a democracia não funciona, uma vez que o debate público pelo qual se formam as opiniões entre os cidadãos se torna um debate viciado. Por isso a imprensa precisa ser forte, independente e atuante (Bucci, 2000, p. 33).

¹ Declaração Nacional dos Direitos Humanos. UNICEF, 2024. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 26 maio 2024.

Embora as emissoras de televisão brasileiras, em sua maioria, sejam empresas privadas e que funcionam, sobretudo, graças ao mercado midiático e publicitário, é preciso lembrar que esses conglomerados dependem da autorização do Estado para exercer as suas atividades. Ou seja, tratando-se tanto de canais de rádio quanto os de televisão, ambos precisam solicitar ao Estado a concessão de canais para que as emissoras consigam operar; são as chamadas “concessões públicas”.

Para Bucci (2000), se partirmos do pressuposto de que o Estado é uma instituição encarregada por representar interesses democráticos de uma população, o cidadão acaba por ser, mesmo que indiretamente, a principal figura detentora dos sinais cedidos às emissoras.

Câmeras, antenas, parques eletrônicos instalados para a confecção das imagens eletrônicas, podem ser propriedade privada - mas a frequência pela qual são transmitidas as ondas eletromagnéticas pertence ao povo e, em nome do povo, é concedida à empresa privada. Portanto, o cidadão tem legitimidade para exigir que essa exploração comercial não o desrespeite (Bucci, 2000, p. 35).

Em contrapartida à soberania do público, Bucci (2000) afirma que é preciso traçar um terceiro caminho para o exercício do jornalismo. Deve-se seguir uma via que não seja destinada a servir apenas aos interesses comerciais, mas que também não utilize o público como termômetro para medir o que é certo ou errado na imprensa. “O jornalismo, por definição, deve continuar a trabalhar para o público - e isso é bom. Mas não deve confundir o público-cidadão com o público articulado em torno das demandas de consumo” (Bucci, 2000, p. 174).

O jornalismo precisa e deve trabalhar para o sustento da democracia através da informação de qualidade, mesmo que a profissão se estabeleça em uma sociedade mercantil. Foi pensando nisso que a comunidade jornalística passou a estabelecer normas e regras que funcionam como balizas e tem como objetivo direcionar os profissionais para o exercício do ofício. Segundo Bucci (2000), o surgimento da ética jornalística passa a surgir como um regulador para que o jornalismo cumpra o seu papel democrático diante de uma sociedade capitalista.

O jornalismo era um negócio capitalista desde antes, sem dúvida, mas é na segunda metade do século XIX e, de modo mais

acentuado, após o início do século XX, que ele vai deixando de ser apenas a expressão cívica da cidadania para se converter em empreendimento de mercado. A sua função democrática é que exige para ele uma ética (Bucci, 2000, p. 175).

Ainda assim, Bucci (2000) conta que as sociedades do mundo todo precisam que o jornalismo cumpra um papel de fiscalizador, sobretudo, as que apresentam maiores desafios sociais, como o Brasil. De acordo com o autor, nesses locais é preciso que o jornalista, na maioria das vezes, confronte e vá de encontro à opinião popular, pois nem sempre a opinião pública irá prezar pelos princípios da democracia e direitos humanos.

(...) a violência urbana leva as pessoas a pedir linchamentos de malfeitores e a defender ações policiais que sumariamente assassinem os suspeitos de delinquências. O papel do jornalismo não é fazer coro com essa mentalidade, mas o contrário: é combatê-la (Bucci, 2000, p.175-76).

Christofoletti (2008) explica que os códigos deontológicos jornalísticos podem surgir de três vertentes: entidades classistas (sindicatos e federações), associações de meios de comunicação ou até mesmo de empresas jornalísticas que possuem o seu próprio manual de conduta. “Esses documentos têm diferentes formatos, indo de bem-intencionadas cartas de princípios a rígidas tábuas de mandamentos que chegam a enquadrar os profissionais em algumas circunstâncias” (Christofoletti, 2008, p. 81).

No Brasil, associações e federações jornalísticas idealizaram códigos de conduta e ética com o intuito de aperfeiçoar e orientar os profissionais no desenvolvimento de seu trabalho. Christofoletti (2008) destaca quatro deles:

- Código de Ética e Autorregulamentação da Associação Nacional dos Jornais (ANJ);
- Princípios Éticos da Associação Nacional dos Editores de Revisão (Aner);
- Código de Ética da Radiodifusão Brasileira da Associação de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert);
- Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

Entretanto, o presente estudo ampara-se no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), visto que abrange mais de 40 mil jornalistas associados aos mais de 30 sindicatos no Brasil.

A FENAJ surgiu em 1946, logo após a promulgação da quinta Constituição brasileira na Assembleia Nacional Constituinte. A Federação foi criada com o intuito de assegurar a liberdade de imprensa e garantir que a sociedade brasileira tenha acesso à informação. Em setembro de 1985 foi aprovado no Congresso Nacional de Jornalistas o Código de Ética do Jornalismo da Federação, o qual estabelecia as normas de atuação do profissional. Em 1994, a FENAJ propôs a criação de um Código de Ética Conjunto da área das Comunicações, o qual abrangeria todas as áreas da comunicação e ajudaria a fiscalizar e julgar o trabalho dos profissionais em conjunto com a sociedade. Entretanto, foi em 2007 que reformou-se o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da FENAJ, composto por 19 artigos divididos em 5 capítulos: direito à informação; conduta profissional do jornalista; responsabilidade profissional do jornalista; relações profissionais; aplicação do Código e disposições finais.

Dentre as normas estabelecidas pelo Código de Ética da FENAJ, é de suma importância dar destaque ao Capítulo II, o qual se refere à conduta profissional do jornalista. Neste capítulo são estabelecidos os direitos e deveres que o jornalista precisa cumprir na execução do seu trabalho. Já no início do código a profissão jornalística é reconhecida como uma atividade social, a qual tem como obrigação principal prestar a verdade dos fatos através de uma apuração precisa e divulgação correta da informação. O jornalista ainda tem como principais deveres a luta pela liberdade de expressão, não colocar em risco e preservar a integridade das suas fontes, combater qualquer tipo de perseguição ou discriminação, sobretudo de minorias sociais, bem como defender os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em contrapartida, o capítulo enuncia que o jornalista não pode utilizar da profissão para incitar a violência, assumir a responsabilidade por trabalhos nos quais não tenha participado e tampouco obter vantagens pessoais.

É preciso evidenciar que Christofolletti (2008) ainda traz um destaque para a cláusula de consciência, a qual foi indexada ao Código em 2007. Esta é uma cláusula facultativa ao jornalista, mas que garante a ele “se recusar a executar

quaisquer tarefas em desacordo com os princípios deste Código de Ética ou que agridam as suas convicções”, com a ressalva de que o profissional não deixe de ouvir opiniões diferentes das suas.

No Brasil, ela surge na evolução dos debates sobre assédio moral no mundo do trabalho. No jornalismo, é comum o repórter receber pautas que não só contrariam as suas convicções como se distanciam completamente das funções da profissão. Sob os apelidos de “pauta 500” ou “pautas-jabás”, essas matérias servem geralmente para adular anunciantes ou pessoas influentes pelas quais as empresas têm interesse (Christofoletti, 2008, p. 87).

Com isso, percebe-se que com a instauração do código de ética nas redações jornalísticas foi possível estabelecer uma padronização no que tange à dinâmica do trabalho desses profissionais. A partir disso, garante-se a dignidade profissional do jornalista, bem como a qualidade do trabalho prestado.

A construção da informação seguindo as normas estabelecidas nos códigos de ética não apenas assegura a qualidade do produto final, mas também sua capacidade de informar com veracidade e objetividade. Esses pilares garantem a confiança e credibilidade do público, bem como abrem caminho para uma discussão aprofundada sobre a importância da objetividade no jornalismo.

3.1 OBJETIVIDADE

Quando se discute sobre jornalismo, é comum pensar em critérios essenciais que devam orientar a construção de uma notícia, tais como imparcialidade, objetividade e neutralidade. Estes aspectos são considerados fundamentais, quase como pilares, na produção jornalística. Idealmente, são esses princípios que devem, ou pelo menos deveriam, guiar a elaboração de uma notícia com qualidade e credibilidade.

Entretanto, Luiz Amaral (1996) vai contar que a premissa da objetividade e imparcialidade no jornalismo nem sempre existiu. Segundo o autor, foi apenas em meados do século XIX que a objetividade passou a se tornar importante em países como a Inglaterra, França e Estados Unidos. A partir de então, a imprensa publicista passou a dar espaço à comercializada e assuntos de interesse público e relativos à

comunidade começaram a ocupar um local de destaque, o qual antes era ocupado pelo jornalismo parcial e partidário.

A partir de então, a objetividade, ou melhor aquilo que mais tarde ganharia o nome de objetividade, passa a se identificar com uma mistura de estilo direto, imparcialidade, fatualidade, isenção, neutralidade, distanciamento, alheamento em relação a valores e ideologia (Amaral, 1996, p. 26).

Segundo Amaral (1996), são quatro os principais acontecimentos no mundo que fizeram com que o jornalismo passasse a aderir, de maneira efetiva, à objetividade como um dos princípios jornalísticos: agências de notícias; desenvolvimento industrial; guerras mundiais; surgimento da publicidade e relações públicas. Embora o presente trabalho não tenha como cerne aprofundar-se nesses eventos, é importante entender que esses eventos contribuíram para a massificação e aceleração da produção da notícia, tornando-a cada vez mais objetiva e direta.

Ao longo do processo, houve o desenvolvimento das bases de produção em massa, abertura de mercados e valorização da propaganda como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias. O surto da educação e a melhoria dos padrões de vida das populações alegraram o público dos jornais e o número dos anunciantes, levando a sucessivos inventos para acelerar a impressão (Amaral, 1996, p. 27).

Guerra (1998) cita Gomes (1991) ao dizer que “verdade é objetividade, a correspondência entre o que é dito na notícia e o fato noticiado” (Gomes, 1991, p. 25 *apud* Guerra, 1998, p. 29). Em suma, o autor explica que a objetividade é a verdade em si, a qual representa o ponto de intersecção entre o que é contado na notícia e o próprio acontecimento. “Isso implica que o jornalista deve reproduzir o seu relato a partir das características do fato, constatadas com base nos parâmetros estabelecidos pela realidade que lhe é própria.” (Guerra, 1998, p. 29).

Entretanto, a ideia de que a objetividade jornalística precisa fazer da notícia uma representação exata da realidade em si, sem que haja quaisquer tipos de interferências pessoais, profissionais ou ideológicas que possam influenciar na construção da narrativa se torna utópica. Amaral (1996) conta que por mais que o jornalista esteja disposto a se expressar objetivamente, eventualmente ele há de deixar se levar, mesmo que de modo involuntário, por suas emoções.

Os defensores da objetividade acham que a partir do momento em que uma pessoa está em busca da objetividade ela deve se distanciar da sua *entourage*, não se considerando membro de qualquer grupo real e imaginário, mas associando o seu destino a qualquer coisa suscetível de ser descrita sem qualquer referência a seres humanos particulares (Rorty, 1994, *apud* Amaral, 1996, p. 47).

A luta diária em busca de isenção e imparcialidade nem sempre é vencida pelo jornalista. Amaral (1996), em sua obra *A Objetividade Jornalística*, indaga se é possível a objetividade ser o caminho para a verdade e a realidade, pois considera que é a partir de vivências e experiências que o ser humano constroi o seu repertório. Para o autor, a subjetividade pode estar tão ligada ao jornalista quanto a objetividade. “Somos prisioneiros de sistemas de valores adquiridos. Os nossos atos são influenciados, quando não determinados, por nossa maneira própria de ver, sentir e reagir à ação dos agentes externos” (Amaral, 1996, p. 18).

Portanto, levando em consideração que o jornalismo é um trabalho feito por pessoas, as quais são regidas por seus preconceitos, crenças e idiossincrasias, pode-se considerar a possibilidade do jornalismo não ser um serviço totalmente imparcial? Amaral (1996) responde a essa pergunta dizendo que além das experiências pessoais do jornalista, outros elementos como os interesses, principalmente os mercadológicos, das empresas de comunicação podem influenciar a busca pela informação objetiva e imparcial.

E nessa luta constante, ele enfrenta não só as dificuldades criadas pela sua formação, posições e preconceitos, como outras cujo controle escapa à vontade pessoal. É o caso dos interesses materiais da empresa para a qual trabalha, da pressa para entrega do material, da confiabilidade de informações por terceiros ou da omissão dos mesmos (Amaral, 1996, p. 51).

Por conseguinte, Amaral (1996) salienta que a subjetividade é inerente ao jornalista e que ela irá acompanhá-lo durante todo o processo de construção da notícia, desde a escolha da pauta, na maneira como a matéria é escrita, na seleção das imagens que irão compor a reportagem e até mesmo na escolha das fontes.

Dada essa consideração e tendo em conta a premissa deste trabalho, torna-se imprescindível a compreensão de quais são os tipos de fontes de informação utilizados para construir uma reportagem, entender como se dá a

escolha delas e de que maneira elas podem, ou não, interferir na narrativa da notícia.

3.2 FONTES

A construção de uma matéria jornalística se dá através de uma série de etapas que contam com o trabalho de diferentes pessoas até finalmente chegar à distribuição da informação. Ao longo do percurso, o repórter precisa pensar em como ele vai contar a notícia: quais são os elementos que ele irá usar, como será o texto que ele vai escrever, qual o enfoque que ele vai dar e, principalmente, quem ele irá ouvir. Esta última etapa é de extrema importância, afinal de contas o repórter sempre irá noticiar um acontecimento com base em informações que foram coletadas de algum lugar ou alguém.

Nilson Lage (2001) vai definir a sociedade contemporânea como uma “sociedade de especialistas”. Segundo o autor, os estudiosos tendem a trabalhar veementemente em suas áreas de estudo e a desenvolver conhecimentos profundos acerca delas, mas, na maioria das vezes, só em cima delas. Para Lage (2001), essa individualidade requer um intermédio para captar tais informações e transmiti-las de maneira simplificada à população, tornando-se esse o papel do jornalista.

A informação torna-se, portanto, matéria-prima fundamental e o jornalista um tradutor de discursos, já que cada especialidade tem jargão próprio e desenvolve seu próprio esquema de pensamento (compare-se a fala de um diplomata com a de um militar ou a de um assistente social com a de um economista) (Lage, 2001, p. 09).

Além disso, Lage (2001) conta que não cabe ao repórter apenas escutar as fontes e reportar exatamente o que foi dito por elas. O repórter está onde o telespectador muitas vezes nem consegue chegar. Portanto, é de responsabilidade dele confrontar diferentes versões sobre o assunto e produzir uma mensagem e transmitir ao público com o objetivo de informá-lo. A escolha de quem será ouvido, ou não, sobre determinado assunto é uma decisão tomada a partir do produtor com recomendações e orientações dos editores e repórteres, levando-se em consideração a linha editorial e os interesses estabelecidos pelas empresas.

Há quem se pergunte sobre a confiabilidade das fontes e dos testemunhos prestados ao repórter: o que leva um indivíduo prestar informações, às vezes

confidenciais, para uma pessoa que ele não conhece? Lage (2001) cita a corrente funcionalista para explicar que “os homens consideram crucial ser aceitos socialmente e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas” (Lage, 2001, p. 24).

Outra questão que vem à tona é sobre a veracidade da resposta: qual a garantia de que uma pessoa irá se deter em falar a verdade e não inventar uma respostas qualquer? Lage (2001) justifica essa pergunta a partir das máximas de Paul Grice (1989) que são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Máximas de Grice

1. Máximas da Quantidade	1.1. Faça sua contribuição tão informativa quanto necessário (para os propósitos reais da troca de informações); 1.2. Não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário.
2. Máximas de Qualidade	Tente fazer sua contribuição verdadeira 2.1. Não diga o que acredita ser falso; 2.2. Não diga algo de que você não tem adequada evidência.
3. Máxima da Relação	Seja relevante
4. Máximas da Maneira	Seja claro 4.1. Evite a obscuridade; 4.2. Evite expressões vagas e ambíguas; 4.3. Seja breve (evite a prolixidade); 4.4. Seja ordenado.

Fonte: (Grice, 1989 *apud* Lage, 2001, p. 25)

Em suma, Lage (2001) conclui que as máximas de Grice (1989) afirmam que toda a troca entre a fonte e o repórter está sujeita à dedução da intencionalidade que um tem do outro.

Se ambos se admitem em boa fé, procurarão atender às máximas e esperarão que o interlocutor faça o mesmo. Nenhum deles será (nem esperará que o outro seja): (a) lacônico, nem conte mais do que lhe foi perguntado (Máxima da quantidade); (b) deliberadamente falso, ou afirme meras suspeitas (Máxima da qualidade); (c) excessivamente minucioso (Máxima da relevância); (d) vago, ambíguo, ou construa de maneira desordenada seu discurso (Máxima da clareza) (Lage, 2001, p. 25).

Em se tratando da natureza das fontes, Lage (2001) afirma que elas possuem níveis de confiança e se tratam de pessoas, instituições ou documentos. O autor irá classificá-las em três tipos que serão apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 2 - Natureza das fontes

1. oficiais, oficiosas e independentes	• Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. • Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. • Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso.
2. em primárias e secundárias	• Fontes primárias são aquelas em

	que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. • Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.
3. em testemunhas e experts	• O testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva: pode-se testemunhar uma guerra sem presenciar uma batalha, assistindo a um pedaço de uma (dificilmente se terá acesso ao todo), ou vendo várias; do lado do vencedor ou do vencido; identificando-se com as vítimas ou com os agressores. • Experts são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos.

Fonte: Lage (2001, p. 27 - 30).

Nelson Traquina (2001) vai defender que o jornalista habilidoso consegue reconhecer que as fontes são pessoas que possuem interesse, de alguma maneira, em contribuir para a informação. Traquina (2001) ainda vai definir três principais critérios para a escolha das fontes: autoridade; produtividade; credibilidade.

A autoridade está diretamente ligada à posição social que a fonte ocupa. Quanto maior o nível hierárquico ou título obtido por ela, mais confiável e bem vista ela será. “O jornalista pode utilizar a fonte mais pelo que é do que pelo que sabe. A maioria das pessoas acredita na autoridade da posição” (Traquina, 2001, p. 105).

O critério da produtividade, normalmente, irá fazer prevalecer a fonte institucional, visto que elas possuem materiais robustos a compartilhar, os quais podem agregar informações à matéria. Isso otimiza o processo de construção do produto jornalístico, pois faz com que o repórter poupe tempo e esforços indo atrás de mais fontes.

A produtividade associa-se não só à quantidade e à qualidade de materiais que uma fonte é capaz de fornecer, mas também à necessidade que os jornalistas têm de limitar - em igualdade de condições - o número de fontes a consultar, de forma a não ter custos demasiado elevados e prazos demasiado dilatados (Traquina, 2001, p. 106).

E por fim, o fator credibilidade está diretamente ligado aos históricos das fontes. Traquina (2001) afirma que o jornalista precisa fazer uma análise prévia da credibilidade da fonte. Caso ela já tenha contribuído para outras matérias de maneira positiva com informações verdadeiras, a probabilidade é que ela seja confiável novamente. “As fontes devem ser tão credíveis, que a informação fornecida exija o mínimo possível de controle. O jornalista tem que avaliar a credibilidade da fonte para avaliar a credibilidade da informação fornecida” (Traquina, 2001, p. 106).

Contudo, pode-se concluir que as fontes são peças fundamentais na construção de uma reportagem. Para Traquina (2001), alguns jornalistas adotam técnicas e utilizam fontes mais estáveis e regulares, devido à rotinização do trabalho imposto pelas empresas jornalísticas que precisam correr contra o tempo para informar. É a partir delas que o jornalista irá obter a informação e construir a narrativa na qual será contada a notícia.

4 CONFLITO ISRAEL E PALESTINA

A tensão existente no Oriente Médio é um conflito extremamente complexo e que se estende há milhares de anos, desde o período bíblico. Interesses religiosos, econômicos e geopolíticos são fatores de disputa entre os países daquela região. Em se tratando da relação conturbada entre Israel e Palestina, a incessante busca pela tomada de território e o reconhecimento de direitos nacionais de ambos os lados são as principais causas de luta e violência que cercam a região até os dias de hoje.

O conflito se origina da disputa territorial e nacional entre judeus e árabes na região histórica da Palestina, área localizada no Oriente Médio que inclui partes de Israel, Cisjordânia e Faixa de Gaza. Durante anos esta localidade foi habitada e até mesmo controlada por inúmeros impérios e civilizações, como egípcios, assírios, persas, romanos e árabes. Essas ocupações contribuíram para a construção da cultura e identidade daquela área geográfica. Por exemplo, foi através da intervenção romana que a houve a disseminação do cristianismo na Palestina, enquanto o povo islâmico trouxe a do Islã e a presença árabe.

Entretanto, foi a partir do século XIX com o surgimento do sionismo que as tensões geopolíticas na região começaram a se intensificar. Na obra *Israel X Palestina: As raízes do ódio* de Jurandir Soares (2004, p.36), o jornalista explica o sionismo como “um movimento pela reintegração dos judeus, buscando o reagrupamento em um lar nacional próprio”. Ou seja, o objetivo deste movimento era claro: o estabelecimento de um Estado e o fortalecimento de uma consciência nacional judaica. Alguns países como a Uganda, localizada na África Oriental, chegaram a ser cogitados para ocupar este papel, porém a ideia principal pedia pelo retorno dos judeus à Palestina, mais precisamente em torno do monte Sion, na terra prometida aos judeus segundo a Bíblia.

Foi a partir deste momento que a Inglaterra, por deter o poder administrativo da Palestina após a derrota do Império Otomano, começou a se integrar cada vez mais à disputa, com o objetivo de mediar a situação e tentar cumprir os pedidos de ambos os lados. A dualidade entre os interesses árabes e judeus foi cada vez mais se polarizando, gerando violência e ataques por parte dos povos que impunham de

forma única os seus interesses: enquanto os judeus queriam se assentar à terra prometida e lá estabelecer o seu “lar nacional”, os árabes defendiam a Palestina como uma região árabe e rejeitavam a chegada dos judeus.

Depois de anos de tentativas de negociações, permeados por muita violência e combates sangrentos de ambos os lados, em novembro de 1947 a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio de uma Assembleia Geral, estabeleceu o Plano de Partilha da Palestina visando cessar o conflito que já se alongava há anos. O Plano previa a divisão do território em dois Estados independentes: judeu e árabe, com exceção de Jerusalém e Belém que passariam a ser de controle internacional devido à importância religiosa para judeus, muçumanos e cristãos.

Líderes judeus aceitaram o plano que previa 56% do território Palestino a eles, 43% aos palestinos, sendo Jerusalém o 1%, enquanto os líderes árabes e palestinos o rejeitaram alegando desproporcionalidade na divisão. Sendo assim, o Plano de Partilha nem chegou a ser implementado, pois já em 1948 palestinos e árabes de outros países vizinhos declararam guerra aos judeus. Com o término do mandato inglês sob a Palestina, em maio de 1948, os judeus declararam a independência do mais novo Estado de Israel. Foi então que o embate bélico entre os povos começou a se acentuar.

Depois do sofrido holocausto ocorrido na Segunda Guerra Mundial, o povo judeu passou a pedir reforços para os Estados Unidos e à Grã-Bretanha e começou a ter um grande poder bélico em suas mãos que, inclusive, se sobressaia ao dos exércitos árabes.

Durante quase um ano diversas batalhas foram travadas entre os judeus e os povos árabes, que não eram mais apenas palestinos. Foi apenas em janeiro de 1949 que conseguiu-se estabelecer um cessar-fogo através de um armistício entre Israel e os países árabes (Egito, Líbano, Síria e Jordânia) que afirmaram as fronteiras do mais novo território Israelense. A partir de então, chegou ao fim a primeira guerra entre os árabes e judeus e Israel passou a ser reconhecido pela ONU como Estado soberano.

Entretanto, ao compasso que o povo judaico conquistava o território considerado por eles como a “Terra Prometida”, os palestinos passaram a buscar

refúgio em países árabes vizinhos, enquanto outros se estabeleceram em outras regiões do mundo.

Em 1949 a Palestina já não existia mais e sua população original estava dispersa, apesar de todas as pressões. No novo Estado de Israel permaneceram apenas 250 mil palestinos, enquanto 350 mil fugiram para a Faixa de Gaza; um milhão passou a viver sob a soberania da Jordânia e 180 mil foram para o Líbano. A maior parte dessa massa humana, cerca de 80%, a partir de então viveu em campos miseráveis com a precária assistência da UNRWA (Soares, 2004, p. 54).

Com o aumento expressivo do número de refugiados, a Organização das Nações Unidas resolveu criar em 1949 a UNRWA (United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East), em português Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo, que existe até os dias de hoje. A ideia é prestar assistência humanitária e serviços básicos, como educação e saúde, aos refugiados palestinos que emigraram durante o primeiro conflito árabe-israelense. A agência é financiada principalmente por doações voluntárias de estados membros e organizações internacionais e atua nas regiões da Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jordânia, Líbano e Síria.

Em 1956, um conflito militar entre Israel e uma coalizão entre Egito, Jordânia e Síria desencadeou-se e deu início à Segunda Guerra Árabe-Israelense, também conhecida como Guerra de Suez. Este combate armado foi ocasionado em decorrência da nacionalização do Canal Suez feita pelo então presidente egípcio Gamal Abdel Nasser. A região era uma extensão marítima rica em petróleo e de grande apreço pelos países da Europa e Ocidente. Após terem seus interesses estratégicos afetados, Israel, França e Reino Unido lançaram uma invasão militar contra o Egito em outubro do mesmo ano. Enquanto as tropas israelenses atacaram pela região do Sinai, as forças anglo-francesas tomavam o Canal de Suez.

Após muita pressão internacional, principalmente de países como os Estados Unidos, apoiadores de Israel, e União Soviética, que forneceu armamentos aos egípcios, o conflito cessou-se. Por ordem da ONU, Israel teve que devolver os territórios árabes conquistados durante o embate e retirar suas forças armadas, assim como França e Reino Unido.

Quase uma década depois da derrota política de Israel na Guerra de Suez, Nasser começa a reunir forças árabes para estabelecer uma união entre os países

que lutariam pela autodeterminação e criação de um estado palestino. Em 1964, durante a Cúpula Árabe, é dada origem à Organização para a Liberação da Palestina (OLP), órgão extremamente influente na política palestina. Com a coesão de países árabes e o fortalecimento da OLP, grupos guerrilheiros começaram a organizar incursões e lutar contra qualquer tipo de negociação com os israelenses.

Ao mesmo tempo em que a comunidade judia destacava na comunidade internacional e angariava apoio dos Estados Unidos, França e Inglaterra por conta dos ataques sofridos em Israel, a União Soviética se solidarizava com os orientais e assumia posições claras a favor do povo árabe. Esses posicionamentos foram os propulsores para o estopim daquela que seria A Guerra dos Seis Dias, em 1967. Como já adianta o nome, esse foi o período em que Israel levou para tomar regiões fronteiriças estratégicas, dentre elas a Faixa de Gaza e a Cisjordânia que eram intensamente povoadas por palestinos.

Com a morte de Nasser em 1970, os Estados Unidos aproveitaram a troca de governo do Egito para propor um acordo entre Israel e o país árabe. Entretanto, o Egito só aceitaria a proposta se recuperasse todo o território perdido em 1967 para os judeus, o que não foi aceito por Israel. Além disso, os países árabes estavam descontentes com o não cumprimento da Resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU por parte de Israel. Por mais esse fato, em outubro de 1973, Anwar Sadat, o mais novo presidente do Egito, reforçou a aliança militar com a URSS para um ataque que aconteceu em um dia sagrado para os israelenses: *Yom Kippur*, o Dia do Perdão. Foi a primeira vez que as forças árabes conquistaram uma vitória expressiva sob o exército israelense.

Israel viria a sofrer as maiores perdas - em termos de soldados e armamentos - de toda a sua história. Foi apenas depois de quatro dias de batalhas que Israel conseguiu se recompor e retomar a iniciativa. As baixas israelenses somaram 2.522 mortos, o que equivalia a 0,1% da população (Soares, 2004, p. 69).

Após o destaque egípcio na Guerra de Yom Kippur, o presidente árabe aproveitou o poderio petrolífero e começou a aplicar uma estratégia de aproximação com os Estados Unidos, visando reconquistar os territórios perdidos para Israel e firmar parcerias para o desenvolvimento econômico do país, enquanto os americanos estavam dispostos a aumentar a sua influência no Oriente Médio. Um dos grandes feitos políticos realizados por Sadat nesta missão foi a reabertura do

tráfego internacional no Canal de Suez. Entretanto, ao compasso que o Egito se aproximava dos Estados Unidos, os soviéticos diminuíam a sua influência na região e se distanciavam cada vez mais do conflito. Além disso, países como Síria e Líbia viam a aproximação egípcia como traição aos interesses árabes. Em 1978, estabeleceu-se então o Acordo de Camp e David que direcionava Israel e Egito a um caminho de paz, mas em contrapartida isolava o Egito do resto do mundo árabe temporariamente.

Foi no início da década de 1980 que Israel iniciou a Operação Paz para a Galiléia que tinha como objetivo tomar o Sul do Líbano e estabelecer um cordão de segurança na fronteira. Em menos de cinco dias as tropas israelenses já haviam chegado a Beirute e forçado a emigração dos palestinos do Líbano para outros países, enquanto alguns se refugiaram para os campos de Sabra e Shatila, na periferia da cidade. Forças de Israel cercaram o local e permitiram que milicianos cristãos entrassem, assassinassem e estupassem crianças, homens e mulheres que ali estavam refugiados. Este episódio ficou marcado na comunidade internacional devido a tamanha brutalidade. O então Ministro da Defesa de Israel, Ariel Sharon, foi fortemente criticado e forçado a se retirar do ministério.

Já ao final da década de 1980, revoltas populares começaram a eclodir por parte do povo palestino contra a ocupação militar israelense na Faixa de Gaza e Cisjordânia. Este levante levou o nome de “Intifada”, que em árabe significa “o despertar da nação” (Soares, 2004, p. 84). Os confrontos palestinos a Israel aconteceram de maneira política e não terrorista. Enquanto as forças israelenses atacavam militarmente, civis palestinos resistiam com pedras, protestos em ruas, boicotes, etc. O contraste no embate comoveu a comunidade internacional e gerou maior consciência global acerca da questão do Oriente Médio, majoritariamente favorável aos palestinos.

Em síntese, pode-se afirmar que o conflito entre israel-palestina ainda se estende até o presente ano de 2024. Depois do combate intitulado como Intifada muitos outros conflitos envolvendo direta e indiretamente os países aconteceram. O mais recente deles, e que será objeto de estudo mais à frente, é o ataque do grupo extremista Hamas a Israel, ocorrido no dia 7 de outubro de 2023. O grupo Hamas²

² EBRAHIM, Nadeen. O que é o Hamas e por que essa organização ataca Israel?. CNN Brasil, 2024. Disponível em:

trata-se de uma organização islâmica com ala militar que surgiu, efetivamente, em 1987, mas que trata-se de uma vertente do grupo islâmico Irmandade Mulçumana originado no Egito, em 1920. Assim como outros grupos políticos e extremistas palestinos, eles lutam pela libertação do território palestino sob o Estado de Israel.

Contudo, delimitou-se apresentar uma breve contextualização acerca do histórico de conflitos desencadeado por ambos países, partindo do início do movimento sionista, o qual foi a força motriz para o início da construção do Estado de Israel, passando pelo desenrolar dos acontecimentos que culminaram na Intifada, um dos primeiros momentos em que houve uma mobilização de civis em grande escala ocupando um papel central no conflito, até chegar ao conflito mais recente entre Hamas e Israel. Essa abordagem histórica permite ao leitor compreender não apenas os eventos isolados, mas também as raízes que moldaram a dinâmica atual entre as partes enredadas que serão objeto de estudo neste trabalho.

4.1 O CONFLITO DO 7 DE OUTUBRO DE 2023

No dia 7 de outubro de 2023, o grupo extremista Hamas lançou cerca de 5 mil foguetes no território israelense, além de orquestrar ataques terrestres, aéreos e marítimos que deixaram milhares de mortos. A ação aconteceu no sul de Israel, próximo à fronteira com a Faixa de Gaza. O grupo extremista confirmou a autoria do atentado e justificou que essa seria mais uma tentativa de retomar o território palestino.

Um infográfico feito pelo portal G1³ explicou como foi a ação do grupo palestino contra Israel. De acordo com o portal, o primeiro movimento do Hamas se deu no início da manhã do dia 07 de outubro de 2023. O grupo atravessou os muros de ferro que dividem Israel e Palestina, ultrapassaram a barreira que é composta por uma barricada dupla de 6m de altura e conseguiram entrar no território israelense.

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-e-o-hamas-e-por-que-essa-organizacao-ataca-israel/#:~:text=Organiza%C3%A7%C3%A3o%20isl%C3%A2mica%20com%20ala%20militar.pela%20primeira%20vez%20em%201987>. Acesso em: 05 maio 2024.

³ STABILE, Arthur; COELHO, Victória. Infográfico: como foi a ação do Hamas para invadir Israel. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/12/infografico-como-foi-a-acao-do-hamas-para-invadir-israel.ghml>. Acesso em: 05 maio 2024.

Lançaram explosivos nas torres e atingiram os sistemas de defesa de Israel, dificultando a comunicação israelense sem acionar qualquer tipo de equipamento de segurança.

Além disso, militantes palestinos invadiram Israel através de paraquedas e asas-delta. Foram utilizados também explosivos para romper com os muros e grades, a fim de abrir caminho para a entrada de mais participantes armados dos grupos por meio terrestre, a pé e com motocicletas. Invasores atiraram em pessoas que estavam nas ruas e sequestraram dezenas de civis, dentre eles alguns brasileiros. Segundo as autoridades israelenses, cerca de 1.400 pessoas foram mortas e, pelo menos, 200 foram feitas de reféns e levadas à Gaza nas primeiras horas do ataque.

Após a invasão, no mesmo dia, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, declarou guerra contra o Hamas e revidou ordenando ataques aéreos à Faixa de Gaza. Segundo levantamento feito pela BBC⁴, um mês depois do atentado já contabilizava-se a morte de 1.400 israelenses contra 10.163 palestinos residentes na Faixa de Gaza e Cisjordânia, além do total de mais de 33.000 feridos.

O conflito ainda não houve um cessar-fogo e estende-se até a data da publicação deste trabalho. De acordo com dados levantados no final de fevereiro, pelo menos 30 mil pessoas⁵ já tinham sido mortas desde o dia 7 de outubro de 2023, dentre civis, militares e extremistas.

⁴ MHADHBI, Amira. Os gráficos que mostram recordes de mortes e devastação do primeiro mês da guerra Israel-Hamas. BBC, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqeplqy3e3eo>. Acesso em: 06 maio 2024.

⁵ Número de mortos na Faixa de Gaza chega a 30 mil, diz Ministério da Saúde palestino. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/numero-de-mortos-na-faixa-de-gaza-chega-a-30-mil-diz-ministerio-da-saude/>. Acesso em: 10 maio 2024.

5 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A cobertura do conflito Hamas x Israel realizada pelo JN – telejornal de maior audiência do país – foi capaz de trazer à tona a discussão sobre um dos maiores conflitos do Oriente Médio, tal como aponta a hipótese do *Agenda-Setting*, formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw, ainda na década de 1970.

A função de agendamento foi definida, então, pela capacidade dos meios de comunicação de massa em dar ênfase a determinado tema e pela possibilidade de os indivíduos incluírem esse tema em sua lista de prioridades após a influência recebida pelo meio de comunicação (Castro, 2014, p. 201).

A fim de solucionar a questão de pesquisa, este capítulo apresenta as unidades de estudo que serão examinadas. Além disso, descreve-se os procedimentos e técnicas empregados na análise da cobertura do conflito entre Hamas e Israel, no dia 7 de outubro de 2023, no Jornal Nacional. Este estudo utilizou de técnicas como pesquisa bibliográfica e documental para coletar dados e informações pré-existentes acerca da temática. Por conseguinte, recorreu-se à análise de conteúdo para analisar as dinâmicas jornalísticas do programa e perceber em que medida a escolha das fontes que compõem as matérias contribuem para uma cobertura objetiva e imparcial.

5.1 UNIDADES DE ESTUDO

O papel social desenvolvido pelo Jornal Nacional é inquestionável e de suma importância para a construção da opinião pública no Brasil. O JN possui 55 anos de história e ao longo de sua jornada contou com a apresentação de jornalistas como Cid Moreira, Fátima Bernardes, Sérgio Chapelin e Patrícia Poeta. Atualmente, a ancoragem do programa é feita por William Bonner, que desempenha também o papel de editor-chefe, e Renata Vasconcellos, também editora executiva do

telejornal⁶. O programa acontece na redação da Globo Rio e conta eventualmente com a participação de outros apresentadores. A exibição é de segunda a sábado, entre 20h30 e 21h30, horário nobre da televisão brasileira. Com sua diversidade em editorias e grande alcance geográfico, o programa assume a liderança de maneira isolada entre os telejornais brasileiros e se torna referência como fonte de informação no país.

A fim de tornar o estudo mais preciso, delimitou-se analisar reportagens exibidas na primeira semana de início do conflito Israel x Hamas, mais precisamente nas edições dos dias 7, 10 e 13 de outubro (sábado, terça e sexta-feira, respectivamente). Para isso, realizou-se uma leitura flutuante (Bardin, 2016) para identificar todos os conteúdos relacionados à temática que foram exibidos no programa, incluindo notas cobertas, entradas ao vivo, reportagens, etc. Ao todo, identificou-se 9 conteúdos relacionados ao conflito no programa do dia 7 e 6 conteúdos nos dias 10 e 13.

A partir disso, selecionou-se três reportagens que formam o *corpus* do estudo (Bardin, 2016). Todas elas foram exibidas no primeiro bloco e fizeram a abertura das suas edições correspondentes. Tal escolha se deu devido à importância hierárquica no espelho do telejornal, uma vez que as primeiras reportagens exibidas são as de maior relevância editorial.

Em relação à seleção dos episódios, ocorreu desta maneira com o intuito de acompanhar o desdobramento da cobertura no decorrer da primeira semana. Entretanto, visto o curto prazo despendido para este estudo, decidiu-se optar apenas pelos três episódios que representam o início, meio e fim do período delimitado. A reportagem exibida no dia 7 de outubro foi a primeira de toda a cobertura. Com duração de 4 minutos e 21 segundos, conta com a presença da repórter Paola de Orte onde ocorreram os bombardeios a Israel. Neste dia, o programa contou com a apresentação de Rodrigo Bocardi e Mariana Gross.

A segunda reportagem foi exibida no dia 10 de outubro e tem duração de 4 minutos e 27 segundos. Diferentemente da primeira, a repórter Cláudia Bomtempo fechou o VT de Brasília, distante do local do conflito. A edição desse dia foi

⁶ Ficha técnica JN. Memória Globo, 2024. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/noticia/ficha-tecnica.ghml>. Acesso em: 18 maio 2024.

apresentada por William Bonner e Renata Vasconcellos. Por fim, o programa do dia 13 de outubro foi ancorado por Hélter Duarte e Ana Luiza Guimarães. A reportagem escolhida tem duração de 2 minutos e 40 segundos. Nesta unidade de estudo, o repórter Carlos De Lannoy também não esteve no local do conflito, fechando o VT no Rio de Janeiro.

5.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Com o propósito de mapear e investigar de que maneira o Jornal Nacional tem atuado na cobertura do conflito, empregou-se a técnica de pesquisa bibliográfica e documental. Tratando-se da primeira, Gil (2008) sugere que essa técnica envolva a busca, análise e a síntese de materiais com relevância no assunto já publicados anteriormente, como livros, artigos, revistas científicas, dissertações e teses. Segundo o autor, a finalidade é de proporcionar uma base teórica capaz de identificar alguma possível lacuna existente no conhecimento. Paralelo a isso, utilizou-se a técnica de pesquisa documental, a qual apresenta bastante similaridade com a primeira. Para Gil (2008), a diferença está na natureza das fontes, pois neste caso os materiais ainda não receberam uma abordagem analítica, tais como cartas, arquivos digitais, vídeos, relatórios, entrevistas, etc.

Para buscar respostas a este estudo, será utilizado como método de pesquisa a Análise de Conteúdo com o objetivo de avaliar as informações expostas nos materiais e, a partir disso, inferir logicamente sobre o tipo de conteúdo que é produzido pelo JN (Herscovitz, 2008). De acordo com Laurence Bardin (2016) a análise de conteúdo é vista como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Além disso, Bardin (2016) afirma que a análise de conteúdo organizar-se-á em três pólos cronológicos: a pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretações. A pré-análise é a fase inicial, ou até mesmo sucessora à pesquisa, na qual surgem as primeiras ideias. O objetivo é sistematizar esses

pensamentos de modo a esquematizar as operações que serão desenvolvidas no período da análise. “Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (Bardin, 2016, p. 125). A autora ressalta que esses fatores não necessariamente precisam seguir uma ordem cronológica, apesar deles estarem ligados uns aos outros (p. 125). Ainda assim, Bardin (2016) divide a pré-análise em cinco etapas (p.126 - 131): (1) leitura flutuante, o que seria o contato com os documentos que serão analisados; (2) escolha dos documentos a serem submetidos à análise; (3) formulação das hipóteses e dos objetivos; (4) referência dos índices e elaboração de indicadores; e (5) preparação do material antes da análise.

Em relação à leitura flutuante, este estudo atenta-se às edições do Jornal Nacional exibidas na primeira semana do conflito, entre os dias 07 e 13 de outubro de 2023, que estão disponíveis na plataforma *Globoplay*. A partir disso, iniciou-se a execução da etapa da escolha dos materiais, a qual foram escolhidos três matérias que representarão o *corpus* do estudo, os quais já foram previamente apresentados no subcapítulo 5.2 *Unidades de estudo* deste trabalho. É preciso destacar que o *corpus* foi coletado com base na regra da representatividade, constituindo uma amostra do conteúdo que representa o universo inicial (Bardin, 2016).

Para Bardin (2016), a fase da exploração do material é exatamente quando a análise acontece. A autora ressalta que os procedimentos podem ser realizados de maneira manual pelo pesquisador, ou então por intermédio de computadores. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 2016, p. 131).

A partir disso, são definidas seis categorias encarregadas de conduzir a análise. A finalidade principal é organizar e estruturar o material analisado, facilitando a identificação de padrões e tendências para uma melhor interpretação dos dados posteriormente. As categorias de análise estão expostas no quadro abaixo:

Quadro 3 - Categorização

Categorização	Alternativas	Pergunta guia
1.Quantidade de fontes	a) 1 - 2 b) 3 - 5 c) mais de 5	Quantas fontes foram utilizadas para composição da matéria?
2. Natureza das fontes	a) oficial b) oficiosa c) independente d) primária e) secundária f) testemunha g) expert	Qual a natureza das fontes utilizadas pelo JN de acordo com Lage?
3. Diversidade das fontes	a) morador Israel b) morador FG/Palestina c) familiar/amigo morador Israel d) familiar/amigo morador FG/Palestina e) governantes Israel f) governantes FG/Palestina g) independentes h) outro	Há diversidade na escolha das fontes a fim de obter diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto?
4. Entrevista	a) presencial b) videochamada c) telefone d) outro	Quais os formatos das entrevistas cedidas pelas fontes ao JN?
5. Locações	a) repórter <i>in loco</i> b) repórter à distância	O repórter está in loco construindo a reportagem?
6. Posicionamento da fonte	Análise qualitativa a fim de interpretar o teor da fala	As fontes do JN assumem alguma posição a favor/ou contra a um dos lados através do discurso?

Fonte: próprio autor (2024)

A primeira categoria tem como objetivo contabilizar o número de fontes envolvidas na reportagem, sejam elas pessoais ou documentais. O propósito nesta categoria é perceber, numa primeira instância, se há variedade na construção da notícia. A segunda categoria está ligada ao que Lage (2001) define como os tipos e papel de cada uma das fontes, conforme explícito no capítulo 3 - *Ética Jornalística*. Com ela será possível verificar qual a tendência de fontes escolhida pelo pela produção do JN e entender o grau de proximidade e credibilidade delas em relação aos fatos. Cabe aqui recapitular, de forma sucinta, a função de cada uma das alternativas para melhor compreensão do leitor na análise. Segundo Lage (2001): a) fontes governamentais, de associações, sindicatos e fundações; b) fontes ligadas a alguma entidade ou indivíduo, mas que não respondem por eles; c) desvinculadas a qualquer tipo de relação de poder ou interesse; d) são aquelas que fornecem os fatos em primeira instância; e) transmitem a informação que normalmente é fornecida pela primária; f) que tenham presenciado um fato ou situação; g) especialistas que analisam a situação após ocorrência. Vale ressaltar que cada fonte analisada poderá se enquadrar em mais de uma alternativa aqui apresentada.

Na terceira categoria objetiva-se entender em segunda instância sobre a diversidade de fontes utilizadas pelo programa. Por se tratar de um conflito direto entre dois membros, é preciso compreender se o JN assume o compromisso de obter diferentes perspectivas sobre o assunto. Desta maneira, com base numa pré-análise das reportagens, organizou-se oito alternativas para verificar se há variedade na escolha das fontes.

A quarta categoria está diretamente ligada às entrevistas realizadas pela equipe de reportagem. Aqui busca-se analisar, sobretudo, os formatos das sonoras, a fim de entender o nível de proximidade que o repórter teve com a fonte ao entrevistá-la. Neste caso, vale destacar que as alternativas estão expostas em ordem de maior para menor proximidade, uma vez que entrevistas realizadas presencialmente proporcionam ao repórter a possibilidade de estabelecer uma comunicação não verbal e maior conexão com a fonte, ao contrário das feitas por telefonema, por exemplo.

Na quinta categoria, a proposta é analisar de onde o repórter fala para construir a matéria: se ele está no local onde ocorreu a notícia (*in loco*), ou se a

reportagem é feita remotamente, de outra localidade. Aqui, a intenção é avaliar o quão próximo da notícia o repórter esteve. A presença física do jornalista no local dos acontecimentos é crucial, pois contribui para uma compreensão mais profunda dos fatos e oferece uma experiência enriquecedora ao profissional, além de permitir uma contextualização mais precisa e uma cobertura mais completa dos eventos.

Por fim, a sexta categoria servirá de complemento à terceira, que diz respeito à diversidade das fontes. Neste caso, busca-se analisar o que foi dito pelos entrevistados e se, em algum momento, eles assumem alguma posição a favor ou contra em relação aos envolvidos no conflito. Diferentemente das outras categorias, esta não apresenta nenhuma alternativa, pois a análise será feita de maneira qualitativa buscando interpretar o depoimento das fontes.

Assim, pretende-se analisar as reportagens veiculadas pelo Jornal Nacional sobre o conflito, utilizando as categorias apresentadas neste capítulo como guia. O propósito é investigar como o jornalismo do Jornal Nacional se posiciona de maneira objetiva e imparcial ao cobrir esse evento específico.

6 COBERTURA DO JN NO CONFLITO HAMAS-ISRAEL: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção serão analisadas as três reportagens já supracitadas como unidades de estudo deste trabalho, as quais foram exibidas nos dias 7, 10 e 13 de outubro de 2023. A análise dar-se-á através das seis categorias descritas no Quadro 3 (p. 40-41). A partir disso, os dados obtidos serão interpretados de maneira qualitativa com base no enquadramento teórico já apresentado no decorrer do estudo, a fim de perceber o objetivo central deste estudo: em que medida a escolha de fontes utilizadas na cobertura do conflito pelo JN contribuem para a objetividade jornalística.

6.1 REPORTAGEM EXIBIDA EM 07.10.2023

A primeira reportagem acerca do conflito foi exibida no dia 07 de outubro de 2023, na edição de sábado, mesmo dia em que os ataques ocorreram e marca o início da cobertura do JN sobre o caso. A apresentação do telejornal foi de Rodrigo Bocardi e Mariana Gross. Após o término da escalada, Rodrigo Bocardi chama o VT, o qual possui 4 minutos e 21 segundos. Os resultados obtidos nas categorias de análise desta reportagem serão apresentados no quadro abaixo e analisados de maneira minuciosa, bem como a descrição do VT.

Quadro 4 - Resultados reportagem 01

Categorias	Resultados
1. Quantidade de fontes	3 fontes
2. Natureza das fontes	(a) primária e testemunha (b) secundária e oficial (c) primária e testemunha
3. Diversidade das fontes	(a) morador de Israel

	(b) governante Israel (c) morador de Israel
4. Entrevista	(a) presencial (b) outro: vídeo divulgado pela Government Press Office (GPO) israelense (c) presencial
5. Locações	<i>in loco</i>
6. Posicionamento da fonte	descrita abaixo

Fonte: próprio autor (2024)

A matéria retrata a maneira como os israelenses foram pegos de surpresa com o ataque aéreo feito pelo Hamas. A reportagem inicia com imagens e sobe som de bombardeios. Na sequência, imagens feitas por terceiros da destruição e dos trabalhos de salvamentos em meios aos escombros são cobertos pelo *off* da repórter: “Cenas que não aconteciam há muito tempo no Centro Cultural e Financeiro de Israel. Moradores Tel Aviv deixaram os apartamentos”.

Figura 4 - Reportagem 1: destruição causada pelos bombardeios



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Ao todo foram identificadas três fontes, o que representa um número razoável para o tempo da reportagem. A primeira se trata de um estudante, morador de Tel Aviv, umas das cidades atacadas pelo Hamas, que conta como, onde e quando começaram os bombardeios. Em relação à natureza desta fonte, foi identificado que ela se trata de uma fonte primária e testemunhal, o que significa que as informações foram obtidas diretamente dela com base no que ela presenciou no momento do

ataque: “Eram seis da manhã quando eu ouvi o primeiro alarme. Aí houve outro uma hora depois. O segundo foi perto desse prédio. Nós ouvimos um barulho forte de bomba. Não temos abrigos no nosso prédio. A vizinhança é antiga”. A entrevista aconteceu de maneira presencial e em nenhum momento entrou o crédito com o nome do estudante.

Figura 5 - Reportagem 01: sonora primeira morador de Tel Aviv



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Em seguida, a repórter Paola de Orte, correspondente da TV Globo em Israel, aparece *in loco* em Tel Aviv, especificamente em uma das ruas que foi atingida pelas bombas. Nas imagens ela mostra o local isolado, sob a orientação de evacuação, bem como o estado em que ficou a região após o ataque. Logo depois, a repórter aparece em um fundo neutro, mas ainda em Tel Aviv, realizando a passagem da matéria: “Primeiro a surpresa, depois o choque. Ninguém estava esperando um ataque de Gaza agora, ainda mais dessa magnitude. Uma situação inédita que fez muitos israelenses correrem para procurar lugares mais seguros”.

Figura 6 - Reportagem 1: passagem da repórter Paola De Orte



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

A segunda fonte trata-se do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, classificado como fonte oficial do governo e secundário pelo fato do depoimento dado ter sido coletado de uma transmissão feita através do *Government Press Office* (GPO) de Israel⁷. Nesta sonora traduzida pela repórter, Benjamin Netanyahu fala que “o que aconteceu hoje nunca tinha sido visto antes em Israel e que ele iria garantir que isso não voltaria a acontecer”.

Figura 7 - Reportagem 1: sonora de Benjamin Netanyahu



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

A última fonte, um vendedor e morador de Tel Aviv, foi utilizada para encerrar a reportagem. A entrevista foi realizada de maneira presencial e os créditos foram dados apenas em off. O morador conta onde estava quando iniciaram os bombardeios e como se escondeu, o que faz dessa uma fonte de natureza primária

⁷ É uma agência governamental responsável por lidar com as relações públicas e a comunicação do governo de Israel com a imprensa nacional e internacional.

e testemunhal: “estava no ônibus quando ouviu sirenes e explosões, e buscou abrigo perto de um prédio junto com outros passageiros”.

Figura 8 - Reportagem 1: sonora segundo morador de Tel Aviv



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Após a coleta dos dados conforme a categorização pré-estabelecida, pode-se perceber que a primeira reportagem da cobertura do JN teve, em suma, o objetivo de contar sobre como os Israelenses foram surpreendidos pelo bombardeio e de que maneira reagiram a ele. A matéria contou com a totalidade de três fontes, o que representa um número razoável para o tempo despendido. Entretanto, quando relaciona-se a quantidade de fontes com o papel que elas assumem na reportagem, percebe-se que não há diversidade, pois todas representam o lado israelense do conflito - dois moradores de Israel e o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu.

Em relação a isso, Amaral (1996) vai dizer que a objetividade nem sempre é o único elemento que rege a escolha das fontes. O autor indica dois motivos que podem estar atrelados a maneira com que a escolha foi feita nesta matéria: os valores e repertório que o jornalista carrega consigo, bem como os interesses materiais da empresa para a qual ele trabalha. Referente a este último, Christofolletti (2008) ao falar da ética no jornalismo, lembra que esse é um trabalho que atua entre oposições e conflitos de interesse e, normalmente, é financiado por anunciantes e patrocinadores. Entretanto, Bucci (2000) relembra que o lucro deve ser apenas a consequência do ofício e que a causa segue sendo garantir ao telespectador o direito à informação de maneira objetiva e imparcial.

A natureza das fontes, em sua maioria, foi testemunhal, o que trouxe à matéria um teor mais emotivo, conforme define Lage (2001), uma vez que os próprios moradores puderam contar a situação que presenciaram, embora de

maneira breve. Além disso, a presença da repórter no local permitiu que ela conversasse com as fontes pessoalmente, aproximando o repórter da fonte e valorizando mais o VT, levando o telespectador onde não poderia chegar sozinho (Lage, 2001).

Ademais, a presença da repórter no local dos conflitos permitiu que ela pudesse experienciar o cenário de guerra e, por conseguinte, transmiti-lo ao público de maneira a entretê-lo e tornar a reportagem imagetivamente mais interessante. Ao mostrar os carros destruídos, os flashes dos bombardeiros e até mesmo o salvamento de pessoas em meio aos escombros, pode-se relacionar com o que Vizeu (2014) diz sobre os telejornais possuírem, para além da informação, uma função dramatúrgica, tornando o informativo quase que algo melodramático.

Por fim, analisando-se a categoria sobre o posicionamento assumido pelas fontes, percebeu-se que o tempo utilizado no discurso delas não ultrapassou 20 segundos. As falas foram traduzidas pela repórter e colocadas de maneira bastante enxuta. Com relação às fontes testemunhais, apesar delas serem personagens do lado israelense, não identificou-se nenhum ataque ou ofensa à oposição. Os depoimentos foram bastante diretos, narrando onde estavam e também como reagiram ao escutarem os primeiros bombardeios. Se tratando da fonte oficial, também não houve um ataque direto ao Hamas, apenas declaração de garantia de que ações como aquela não voltariam a acontecer.

6.2 REPORTAGEM EXIBIDA EM 10.10.2023

No dia 10 de outubro de 2023, completou-se quatro dias desde o ataque do Hamas e, conseqüentemente, da cobertura do JN sobre o caso. A edição foi apresentada pelos âncoras principais do programa: Renata Vasconcellos e William Bonner. Em suma, o VT de abertura possui 4 minutos e 27 segundos e fala sobre a morte e o desaparecimento de brasileiros que estavam no local do ataque. A reportagem é de Cláudia Bomtempo e foi chamada por Renata Vasconcellos, que já indicava na cabeça do VT a morte de dois de três brasileiros que estavam em uma festa rave no local do ataque. Os resultados obtidos da análise, bem como a descrição do VT, serão apresentados a seguir:

Quadro 5 - Resultados reportagem 02

Categorias	Resultados
1. Quantidade de fontes	4 fontes
2. Natureza das fontes	(a) primária e testemunha (b) primária e testemunha (c) primária e testemunha (d) primária e testemunha
3. Diversidade das fontes	(a) morador de Israel (b) morador de Israel (c) familiar/amigo morador Israel (d) familiar/amigo morador Israel
4. Entrevista	(a) videochamada (b) videochamada (c) videochamada (d) outro: vídeo
5. Locações	repórter à distância
6. Posicionamento da fonte	descrita abaixo

Fonte: próprio autor (2024)

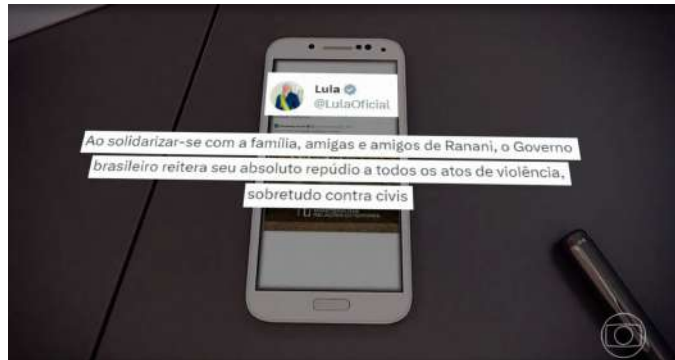
Nesta matéria são retratados o desaparecimento e a morte de brasileiros que estavam presentes em uma festa rave na Faixa de Gaza quando o ataque aconteceu. O VT inicia com imagens do entregador Ranani Nidejelski Glazer (23), um dos brasileiros mortos, cobertas pelo *off* da repórter que fala sobre o perfil da vítima. Na sequência, uma postagem do Presidente Lula em solidariedade à família e repúdio aos ataques foi publicada no perfil da rede social X (antigo Twitter).

Figura 9 - Reportagem 2: Ranani e namorada



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Figura 10 - Reportagem 2: postagem Presidente Lula



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Na sequência aparecem as duas primeiras fontes: a namorada e um amigo de Ranani. Eles são classificados no VT como “moradores de Israel” e também estavam na festa onde o ataque aconteceu, sendo assim contam como foi a situação. Quanto à natureza das fontes, são classificados como primária, por estarem dando a informação diretamente ao JN através da entrevista, e testemunhal, por relatarem o que viveram e sentiram naquele momento ao lado de Ranani. As entrevistas aconteceram por videochamada dias antes da reportagem ir ao ar.

A sonora da namorada foi apresentada no domingo anterior, na edição do Fantástico, quando Ranani ainda estava desaparecido, e reutilizada na presente reportagem. No depoimento, de 15 segundos, ela conta como foi a sensação de estar presa em um bunker, se protegendo para não ser morta:

Eu lembro do Ranani me dizendo, tipo, me falando para eu não olhar, mas que tinham pessoas mortas em cima da gente e que a gente tava usando o corpo delas para não tomar tiro. E de repente o Ranani saiu, foi mais para frente, eu não lembro...

Figura 11 - Reportagem 2: sonora namorada de Ranani



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

No depoimento do amigo, de 12 segundos, ele conta como foram os últimos momentos da vida de Ranani: “A gente estava no fundo do bunker e ele foi para frente, porque acho que ele tentou proteger as pessoas. Ele tentou ser um herói. Ele é um herói. Tenho certeza disso, ele é um herói!”

Figura 12 - Reportagem 2: sonora amigo de Ranani



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Em seguida, o VT mostra uma homenagem a Ranani feita pela namorada nas redes sociais. A passagem da repórter foi gravada em um fundo neutro, em Brasília, e só aparece depois de 2 minutos e 12 segundos, ou seja, após metade do tempo total da reportagem. Na passagem, ela apresenta a outra vítima que também foi morta: a estudante de Comunicação e Marketing, Bruna Valeanu (24).

Figura 13 - Reportagem 2: passagem da repórter Cláudia Bomtempo



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

A terceira fonte do VT trata-se da amiga de Bruna, que falou com a vítima pelo telefone durante o ataque. Neste caso, quanto à natureza da fonte ela é classificada como primária, por fornecer as informações diretamente ao JN, e testemunhal pelo fato de ter acompanhado, mesmo que por telefone, os relatos de Bruna enquanto o ataque acontecia. Em relação à diversidade, ela é classificada como “familiar/amigo morador Israel”.

Figura 14 - Reportagem 2: vítima Bruna



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

A sonora tem 29 segundos e foi realizada por videochamada. No depoimento, a amiga conta quando e como foi o contato minutos antes da morte de Bruna:

Mais ou menos umas 7h da manhã ela me disse que tava bem. Me ligou, no carro, me falando que tava tudo bem e mais ou menos 1

hora depois ela começou a escrever que não saberia o que ia acontecer. Ela estava no meio do mato, numa caravana, meio que, não entendi direito assim, com... ouvindo muitos tiros, com feridas... muitas pessoas feridas perto dela.

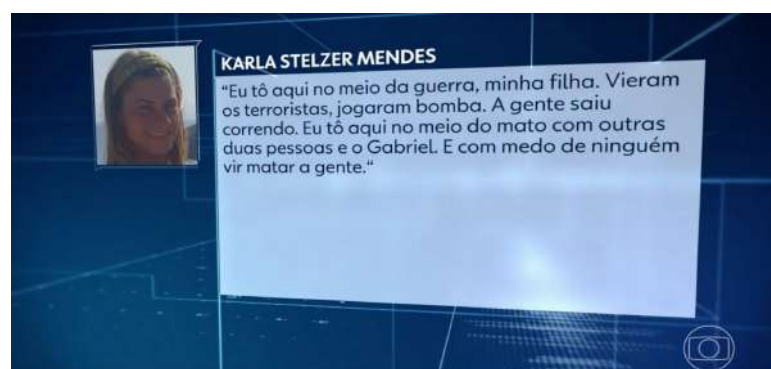
Figura 15 - Reportagem 2: sonora amiga de Bruna



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Por fim, a última fonte apresentada na reportagem é Karla Stelzer Mendes. São colocadas fotos enquanto a repórter fala sobre as características de Karla em um *off*. Na sequência, o VT apresenta um áudio enviado por Karla a uma amiga no momento do ataque.

Figura 16 - Reportagem 2: áudio transcrito de Karla enviado à amiga



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

A última sonora é a de uma amiga de Karla que fala sobre a angústia e a dor na espera por notícias. Ela é uma fonte primária, por prestar informações diretamente ao JN, e testemunhal por ter recebido o áudio em que a amiga relata o ataque. No que diz respeito à diversidade, ela é classificada como “familiar/amigo

morador Israel”. A sonora tem 29 segundos e foi feita através de chamada de vídeo, na horizontal. Em depoimento ao JN, a amiga relata:

É muito angustiante essa situação. A família dela está muito angustiada, a mãe dela, o filho, as nossas outras amigas também, que são também melhores amigas dela. Muitos amigos estão procurando querendo saber notícias, mas eu não, infelizmente, eu ainda não tenho notícias para dar e é justo isso que a gente precisa: de notícias dela.

Figura 17 - Reportagem 2: sonora amiga de Karla



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

A partir da análise da reportagem, verificou-se que o foco da matéria são os brasileiros que estiveram na festa, nas proximidades da Faixa de Gaza no dia do ataque, e foram atingidos. Em suma, a matéria é construída a partir de depoimentos de amigos e familiares das vítimas que estavam no local ou fizeram contato no momento do ataque.

Ao todo, foram ouvidas quatro fontes, todas elas de grande peso para a reportagem e categorizadas como testemunhas. Duas delas estiveram no local e presenciaram o acontecimento. Outras duas fizeram-se presentes através de contato telefônico com as vítimas, também no momento em que o ataque aconteceu. Como definido por Lage (2001, p.30) “pode-se testemunhar uma guerra sem presenciar uma batalha”.

Entretanto, percebeu-se mais uma vez que todas as fontes utilizadas na construção da reportagem são de moradores de Israel ou então de amigos e/ou familiares de moradores da região. Portanto, apesar de haver um número

considerável de fontes, não há diversidade entre elas. Em momento algum ouviu-se moradores e/ou amigos de residentes da Palestina. Tal fato vai de encontro ao que Christoffoleti (2008) fala sobre haver harmonia na cobertura entre os conflitos abordados.

Além disso, evidenciou-se que a reportagem foi construída à distância, além disso, três entrevistas aconteceram por videochamada e uma delas foi um vídeo gravado na horizontal pela própria fonte. Somado a isso, a repórter não esteve no local em que os ataques ocorreram, o que enfraquece em certa proporção o sentimento de presencialidade do telespectador no acontecimento. Todas as informações foram dadas à distância e sem a oportunidade do repórter - que é a peça fundamental para transmitir a informação - experienciar o ocorrido.

Por fim, em se tratando do teor do depoimento das fontes observou-se que os relatos foram, na maioria, descritivos e objetivos. As fontes não se posicionam explicitamente contra ou a favor, apenas narram os acontecimentos com base nas características do fato e nos parâmetros estabelecidos pela realidade. É o que Guerra (1998) define por objetividade. Por se tratar de fontes testemunhais, os depoimentos falam sobre como e quando os fatos aconteceram, proporcionando ao público melhor dimensão dos ataques, uma vez que a repórter não pôde estar no local. Ademais, notou-se que apenas a última sonora possui um teor diferente das demais, visto que a fonte pede ajuda para encontrar a amiga, que estava desaparecida.

6.3 REPORTAGEM EXIBIDA EM 13.10.2023

A terceira reportagem analisada no presente trabalho foi exibida no dia 13 de outubro de 2023, no sétimo dia de conflito entre Hamas e Israel. O telejornal foi ancorado por Hélder Duarte e Ana Luiza Guimarães. A reportagem tem duração de 2 minutos e 40 segundos e traz a confirmação da morte de Karla Stelzer Mendes, a brasileira que tinha desaparecido depois do ataque do grupo Hamas à festa rave nas proximidades da Faixa de Gaza. A matéria é do repórter Carlos de Lannoy e abriu a edição do JN. A apresentação dos resultados, conforme a categorização, estão expostos abaixo, seguidos da análise dos mesmos e da descrição da reportagem.

Quadro 6 - Resultados reportagem 03

Categorias	Resultados
1. Quantidade de fontes	2 fontes
2. Natureza das fontes	(a) primária e oficial (b) primária e testemunha
3. Diversidade das fontes	(a) outro: embaixador Brasil em Israel (b) familiar/amigo morador Israel
4. Entrevista	(a) videochamada (b) telefone
5. Locações	repórter à distância
6. Posicionamento da fonte	descrita abaixo

Fonte: próprio autor (2024)

A matéria inicia com as últimas imagens de Karla Stelzer Mendes antes de desaparecer - o mesmo áudio que foi utilizado na matéria do dia 10.10.2023. Logo na sequência entra a primeira sonora com Frederico Meyer, o embaixador do Brasil em Israel, que foi feita pela Globo News por videochamada. Com a fala bastante breve e objetiva, em torno de 5 segundos, Meyer confirma a morte de Karla: “Acabamos de confirmar que ela faleceu e que o enterro é hoje”. Neste caso, a fonte é classificada como primária e oficial, por se tratar do seu cargo profissional na embaixada do Brasil em Israel, bem como por fornecer as informações diretamente para o grupo Globo, mesmo que não diretamente ao JN.

Figura 18 - Reportagem 2: Karla momentos antes do ataque



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Figura 19 - Reportagem 2: sonora com Embaixador do Brasil em Israel



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Em seguida, o repórter contextualiza, de maneira sucinta, através de *off* e de imagens, há quanto tempo e com quem Karla residia em Israel. Logo depois, entra a segunda e última entrevista do VT, que foi realizada por ligação telefônica com um amigo de longa data de Karla e exibida em 24 segundos. A fonte é portanto classificada como “familiar/amigo morador Israel”. Quanto à natureza, ela é testemunhal e primária, por fornecer informações diretamente ao Jornal Nacional.

Neste caso, o testemunho está relacionado com a relação da fonte com a vítima, oportunidade na qual ele trouxe relatos sobre os gostos, caráter e estilo de vida de Karla, sem relação com o conflito em si:

Saiu daqui com a intenção de melhorar de vida, de ter novas oportunidades. Uma pessoa cheia de vida, que amava viver, amava a liberdade. Acima de tudo, uma pessoa ímpar, ímpar. Eu sabia que ela estava nessa festa. Então, desde o primeiro momento que eu vi a reportagem falando que a festa tinha sido invadida, eu já mandei mensagem para ela e ela não me respondeu, eu fiquei super preocupado.

Figura 20 - Reportagem 2: sonora feita pelo telefone com o amigo de Karla



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Depois da sonora, o VT apresentou uma nota de pesar do Itamaraty pela morte de Karla. Na sequência, entra a passagem do repórter, que foi gravada no Rio de Janeiro, já que ele não esteve presente no local dos fatos. O texto fala sobre o sepultamento de Karla e relembra os outros brasileiros que também morreram nos ataques. Por fim, o VT encerra com imagem dos brasileiros e com a informação do número total de mortos na festa rave.

Figura 21 - Reportagem 2: nota do Itamaraty



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

Figura 22 - Reportagem 2: passagem do repórter Carlos De Lannoy



Fonte: Jornal Nacional/Globoplay

A partir da análise, percebeu-se que a matéria foi construída através de materiais gravados previamente, como a entrevista com o embaixador e as demais fotos e áudios que também foram utilizados em VT anteriores. Por este fato, o material produzido ficou consideravelmente menor do que os analisados anteriormente.

Em se tratando das fontes, notou-se que a quantidade utilizada foi ínfima e com pouco conteúdo. Na primeira sonora, de 5 segundos, há apenas uma frase. Embora a entrevista com o embaixador tenha sido extremamente curta e objetiva, ela se faz necessária pelo o que Traquina (2001) define como “critério da autoridade”, ou seja, quanto maior o nível hierárquico, mais confiável e bem vista a fonte será. A segunda, apesar de ser mais longa, foi realizada via ligação telefônica, o que diminui o contato do repórter com a fonte e, consequentemente, as percepções sobre ela.

Além disso, notou-se mais uma vez a ausência de fontes que representam o lado palestino do conflito, uma vez que a primeira traz o embaixador do Brasil em Israel e a segunda um amigo de longa data da vítima brasileira. Em relação à natureza, ambas forneceram informações diretamente à TV Globo, o que diminui as chances de haver ruído entre a comunicação fonte-repórter.

Por fim, evidenciou-se nesta reportagem o uso da palavra “terrorista” pelo repórter ao longo da passagem para referir-se ao ataque feito pelo Hamas na festa rave. Na ocasião o jornalista fala “Karla foi enterrada durante a manhã numa cidade no sul de Israel. Além dela, outros dois brasileiros foram mortos nos ataques terroristas do Hamas. Todos estavam na festa rave”. Isso evidencia mais uma vez o que Amaral (1996) fala acerca da subjetividade e objetividade. Para o autor, mesmo que o jornalista busque por fazer um trabalho objetivo, eventualmente ele há de deixar, mesmo que involuntariamente, suas emoções e ideais aparecerem. Entretanto, é preciso ponderar para que os princípios éticos não interfiram no propósito do jornalismo: o de informar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da televisão na sociedade brasileira demonstrou ser de extrema relevância social ao longo dos anos. É através dela que a população é informada sobre os acontecimentos locais, nacionais e internacionais, denúncias são feitas e a opinião pública é formada. Dentro deste contexto, o telejornal emerge como o programa de maior destaque, responsável por proporcionar boa parte deste conhecimento referido. Com sua capacidade de alcançar um público amplo e diversificado, o telejornal não apenas transmite informações cruciais, mas também desempenha um papel crucial na *agenda-setting*, influenciando os temas que serão discutidos pela sociedade. Assim, torna-se uma importante ferramenta social, moldando percepções, promovendo debates e contribuindo para a construção da identidade coletiva no país.

Tendo isso em vista, o presente trabalho de conclusão de curso teve como propósito perceber a maneira como o principal telejornal do país - Jornal Nacional - e, conseqüentemente, o de maior audiência, conduziu a cobertura de um dos conflitos geopolíticos mais sangrentos do oriente-médio: o conflito Israel e Hamas. O confronto teve início no dia 7 de outubro de 2023, quando o grupo extremista Hamas orquestrou um ataque a Israel.

O trabalho se deu a partir da análise de fontes de três reportagens que foram exibidas na primeira semana do ataque. Para isso, utilizou-se como metodologia de pesquisa a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Esta escolha possibilitou estruturar e analisar a taxonomia das fontes utilizadas com o objetivo de compreender a natureza delas, a presença ou falta de pluralidade entre elas, bem como qual a narrativa que elas dão para o evento em si, se favorecem ou não algum lado do conflito.

Em relação aos instrumentos de coleta de dados utilizados, a pesquisa documental e bibliográfica proporcionaram ao autor uma melhor compreensão acerca da temática. Autores como Rezende (2000, 2010), Souza (2004), Coutinho (2009) e Vizeu (2014) foram imprescindíveis para a fundamentação da base teórica do presente trabalho, especialmente no que se refere à funcionalidade do telejornalismo, além da categorização e dos formatos adotados pelos telejornais. Através da análise desses estudos, foi possível consolidar uma visão abrangente

sobre o papel dos telejornais na sociedade contemporânea, explorando tanto suas características estruturais quanto seu impacto na audiência e na formação de opinião pública.

De acordo com a análise feita, evidenciou-se que todas as fontes que compõem as reportagens tratam-se de moradores, governantes e/ou amigos de moradores de Israel. Não há, em nenhum dos conteúdos, uma fonte que represente o lado palestino na guerra. Além disso, os VTs foram construídos, majoritariamente, com base em depoimentos de testemunhas, com poucas fontes oficiais e nenhum expert que pudesse contextualizar e trazer um panorama da história do conflito. Com isso, percebeu-se que, por mais que as fontes tenham falas objetivas e categóricas, o teor dos materiais apresentados é mais emocional e representa maior identificação com o lado israelense do conflito do que com o palestino. Sendo assim, é notório que, mesmo na busca por cumprir com a objetividade e a imparcialidade jornalística, o Jornal Nacional cede um espaço maior à manifestação do lado israelense, baseando-se na escolha das fontes que compõem as matérias.

Além da semelhança em relação ao conteúdo das matérias, observou-se também similaridade no formato em que elas foram construídas. As sonoras foram gravadas, predominantemente, através de videochamadas, estabelecendo-se o mínimo de contato entre repórter e as fontes. Ademais, em duas das três reportagens as entrevistas apresentadas já tinham sido utilizadas em matérias feitas em outros programas da TV Globo, o que denuncia a falta de disponibilidade das fontes para novas gravações, ou de interesse e disponibilidade do programa para realização de novas sonoras.

Em suma, o presente estudo buscou evidenciar o poder social que a televisão enquanto mídia ainda tem, assim como o papel essencial ocupado por ela no dia a dia dos brasileiros, mesmo que em tempos digitais. Junto a isso, entender como um conflito internacional, que ocorre do outro lado do mundo, pode chegar até aqui e de que maneira ele se apresenta à sociedade brasileira através do telejornalismo, especialmente por meio do programa com maior alcance nacional, o Jornal Nacional.

Por fim, entende-se que este trabalho é apenas um motor capaz de fomentar questionamentos e reflexões acerca da maneira como o telejornalismo opera em

situações dicotômicas como essas. É preciso ponderar e levar sempre em consideração os princípios éticos jornalísticos, ao compasso que busca-se cumprir as exigências editoriais de cada emissora de TV. Para isso, se faz necessária a continuidade de estudos como este que sejam capazes de aprofundar-se sobre a operação de uma redação de TV, bem como a maneira que são estabelecidas as linhas editoriais dos telejornais e, por fim, a forma como o telespectador recebe e capta a mensagem transmitida.

REFERÊNCIAS

A FENAJ na luta pela liberdade e pela ética no jornalismo. **FENAJ**, [S. l.], c2019. Disponível em: <https://fenaj.org.br/fenaj/a-federacao/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra - D.C. Luzzatto, 1996.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Audiência de TV PNT TOP 10**. [S. l.], 2024a. Disponível em: <https://kantariropemedia.com/conteudo/dados-rankings/dados-de-audiencia-pnt-top-10-com-base-no-ranking-consolidado-01-01-a-07-01-2024/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Audiência de Vídeo**. [S. l.] 2024b. Disponível em: <https://kantariropemedia.com/audiencia-de-video/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2016.

BRITO, Maria Eduarda Bastos de. **Efeito contágio** : uma análise das coberturas do massacre de Realengo e do ataque à creche em Blumenau no Jornal Nacional. 2023. 92 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Escola de Comunicação Artes e Design, Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://primo-pmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/164fi7o/puc01000507239>. Acesso em: 17 mai 2024.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARRO, Rodrigo. Digital News Report 2023. **Reuters Institute**, [S. l.], 14 jun. 2023. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/brazil>. Acesso em: 5 jun. 2024.

CARVALHO, Dayana De Lima. **Telejornalismo e direitos humanos** : uma análise da cobertura da morte de Lázaro Barbosa no Jornal Nacional e Jornal da Record. 2022. 74 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Escola de Comunicação Artes e Design, Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://primo-pmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/164fi7o/puc01000506131>. Acesso em: 23 mai 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

JORNAL Nacional. [S. l.]: Globoplay, 7 out. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12010712/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

JORNAL Nacional. [S. l.]: Globoplay, 10 out. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12018494/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

JORNAL Nacional. [S. l.]: Globoplay, 7 out. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12028451/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e jornalismo: uma cartografia dos valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GUERRA, Josenildo Luiz. **A objetividade no Jornalismo**. 1998. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

ISRAEL X Hamas: infográfico explica início do confronto ponto a ponto. **G1 Globo**, São Paulo, 10 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/10/israel-x-hamas-infografico-confronto.ghml>. Acesso em: 5 jun. 2024.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2001.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

NERY, Carmen. Em 2022, streaming estava presente em 43,4% dos domicílios com TV. **Agência de Notícias IBGE**, [S. l.], 09 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38306-em-2022-streaming-estava-presente-em-43-4-dos-domicilios-com-tv>. Acesso em: 5 jun. 2024.

RFI. Número de mortes em Gaza devido a ofensiva de Israel supera 30 mil, diz governo do Hamas. **G1 Globo**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/02/29/numero-de-mortes-em-gaza-devido-a-ofensiva-de-israel-supera-30-mil-diz-governo-do-hamas.ghml>. Acesso em: 5 jun. 2024.

PINZON, Eduardo Augusto Loro. **A cobertura eleitoral com e sem repórter : a análise das diferenças entre a “Caravana JN” e “O Brasil que eu quero” no Jornal Nacional da Rede Globo**. 2019. 83 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Escola de Comunicação Artes e Design, Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://primo-pmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/164fi7o/puc01000507205>. Acesso em: 05 jun 2024.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; COUTINHO, Iluska (org.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos**. Florianópolis: Insular, 2009.

RAGAD, Abdelali.; IRVINE-BROWN, Richard; GARMAN, Benedict; SEDDON, Sean. Conflito Israel-Hamas: como grupo palestino reuniu forças para atacar Israel em 7 de outubro. **BBC**, [S. l.], 28 nov. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgp0qj39y4o>. Acesso em: 5 maio. 2024.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

SILVA, Leonardo Santos Bartz da. **O JORNALISMO IMERSIVO NA ERA DO STREAMING**: uma análise da primeira temporada da série “A Corrida das Vacinas” do Globoplay. 2022. 207 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, 2022.

SOARES, Jurandir. **Israel x Palestina: as raízes do ódio**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2004.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br